



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL - RELAÇÕES PÚBLICAS**  
**TRABALHO FINAL DE CURSO**

**MANUELA RAMOS PEREIRA**

**GÊNERO E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO**  
**PROGRAMA DE RÁDIO: “AÍ VÊM ELAS”**

Salvador  
2009

**MANUELA RAMOS PEREIRA**

**GÊNERO E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO  
PROGRAMA DE RÁDIO: “AÍ VÊM ELAS”**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social –  
Relações Públicas, Universidade do Estado da Bahia.

Orientador: Prof. Ruy Aguiar

Salvador  
2009

## TERMO DE APROVAÇÃO

MANUELA RAMOS PEREIRA

### GÊNERO E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO PROGRAMA DE RÁDIO: “AÍ VÊM ELAS”

Monografia aprovada como requisito para obtenção do grau de Bacharel em  
Comunicação Social, Universidade do Estado da Bahia, pela seguinte banca  
examinadora:

Nome: \_\_\_\_\_

Titulação e instituição: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Titulação e instituição: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Titulação e instituição: \_\_\_\_\_

Salvador, \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2009

PEREIRA, Manuela Ramos. Gênero e a representação do feminino no programa de rádio: “Aí Vêm Elas”. Monografia – Comunicação Social – Relações Públicas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

## RESUMO

Gênero e representação do feminino no programa de rádio “Aí Vêm Elas” é o tema do presente trabalho de pesquisa (quantitativa e descritiva). Através de um estudo de gênero para melhor compreender as relações sociais entre os homens e as mulheres nos dias de hoje, levando em consideração a construção cultural desses modelos sociais foi feita uma análise do programa. O programa apresentado exclusivamente por mulheres – como indica o próprio nome – traz temas para discussões entre os ouvintes. Os assuntos geralmente giram em torno de relacionamento e sexualidade, por isso temas como: identidade, representação social, sexualidade, entre outros, também foram lavados em conta. Para uma melhor precisão e compreensão do seu conteúdo os programas do período analisado foram gravados. A primeira análise do programa buscou perceber como ele funciona, e o perfil das apresentadoras. Como se trata de um programa de participação dos ouvintes, foram feitas análises sobre as participações. A interpretação dos resultados obtidos revelou que a maioria de ouvintes anônimos é do sexo feminino, porque os homens se sentem mais à vontade em expor suas opiniões do que as mulheres. Uma terceira análise foi feita em seguida, com base nos programas transcritos. As falas das apresentadoras, bem como a dos ouvintes, foram levadas em consideração. Os temas mais recorrentes e especialmente a questão do gênero foram escolhidos para esta análise, a fim de compreender melhor as visões e as opiniões presentes naquele cenário, além de tentar encontrar respostas para algumas questões. Finalmente, com base em todo material produzido e no perfil de cada uma das três apresentadoras (devidamente traçado), foi feita uma análise ética dos valores utilizados por cada uma delas. A partir dessa análise, foi possível decodificar a representação que cada uma possuía da mulher, de acordo com suas falas.

**Palavras-chave:** Gênero, feminino, sexualidade, valores.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	06
2.	REVISÃO LITERÁRIA .....	09
2.1	GÊNERO .....	09
2.2	IDENTIDADE .....	11
2.3	REPRESENTAÇÃO .....	16
2.4	SEXUALIDADE E CO-DEPENDÊNCIA .....	18
3.	METODOLOGIA .....	00
4.	ANÁLISE DESCRITIVA .....	24
4.1	ANÁLISE DO PROGRAMA .....	24
4.1.1	O Programa .....	24
4.1.2	Dinâmica do Programa .....	25
4.1.3	As Apresentadoras .....	25
4.2	ANÁLISE QUANTITATIVA .....	26
4.2.1	Participação: Masculina / Feminina .....	26
4.2.2	Participação Direta / Indireta .....	27
4.2.3	Anônimos / Anônimas .....	28
4.2.4	Maior participação Masculina .....	29
4.2.5	Maior Participação Feminina .....	30
4.3	ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	31
5.	ANÁLISE DA PROPOSTA ÉTICA DO PROGRAMA .....	38
6.	CONCEPÇÃO DE FEMININO .....	42
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
8.	REFERÊNCIAS .....	49
9.	ANEXO .....	51

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso de Curso de Comunicação com habilitação em Relações Públicas da Uneb busca realizar um estudo sobre o feminino e a representação da mulher no programa de rádio analisado (“Aí Vêm elas”, da Rádio Metrópole).

O programa é estrategicamente apresentado por três mulheres: Rita Batista, Luana Montargil e Lis Grassi, e vai ao ar no meio das tardes durante a semana (das 16h às 17h, de segunda à sexta-feira). O programa (atualmente existindo desde 24 de dezembro de 2008), existia desde 2005, e, se propunha a entreter as tardes do público feminino em especial. Entretanto, também recebia grande audiência do público masculino.

A intenção do programa era discutir assuntos apolíticos e rasos, mas que despertassem o interesse dos ouvintes. Os temas em geral giravam em torno de relacionamentos amorosos e suas dificuldades (traição, dependência, etc), sexualidade, amizade, entre outros.

Como o programa era aberto à participações, o grande número de participações masculinas era o que chama a atenção de imediato. Outra fato bastante interessante era o fato da apresentação ser feita exclusivamente por mulheres, e de perfis diferentes.

A mulher na sociedade atual aparentemente vista com “bons olhos”, da mesma forma que os homens. Entretanto, é sabido que isso não corresponde de fato à realidade. Por mais que os avanços feministas tenham mudado relações de trabalho, relações íntimas, leis, e especialmente, que tenha mudado muito a cabeça das pessoas, é perceptível que a igualdade entre os gêneros ainda não existe em sua plenitude.

Apesar do crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro, as mulheres ainda recebem salários menores que os dos homens. Como explicar o motivo para tal discrepância? Segundo o “Jornal da Cidade”<sup>1</sup>, as mulheres chegam a ter salários 34% menores que os dos homens. Além disso elas ainda continuam a ser vítimas constantes de

---

<sup>1</sup> Matéria Publicada em 06/03/09 no Jornal da Cidade, da Uol.

violência moral, sexual, vítimas de preconceito (também praticado por elas mesmas muitas vezes) e de censuras.

A revolução sexual já foi iniciada há muito tempo, mas o machismo ainda está fortemente presente na sociedade. A liberdade sexual feminina obteve muitos avanços nas últimas décadas, entretanto, as mulheres ainda sofrem muita censura e são condenadas por fazerem o que os homens sempre fizeram.

Uma mulher que se relacione sexualmente com muitos parceiros, por exemplo, não é vista com bem vista pela sociedade; é recriminada pela maioria dos homens, e até mesmo pelas próprias mulheres. Entretanto quando fala-se deste tipo de comportamento praticado pelos homens, este é aceito como extremamente normal e saudável.

Uma diferença biológica entre os corpos converteu-se numa grande escala de distinção entre seres tão parecidos, apenas por serem de sexos opostos. Tudo isso foi culturalmente criado, construído ao longo dos anos pelas sociedades, ao ponto que hoje parece aos olhos da maioria, ser natural.

No senso comum as representações femininas formuladas ao longo dos anos funcionam como grandes verdades universais, são quase incontestáveis. A mulher é por natureza: meiga, graciosa, bondosa, doce, frágil, sentimental. Já o homem, o oposto: forte, viril, inteligente e prático. A naturalidade é tanta que a construção confunde-se com o verdadeiro eu singular, as pessoas crêem ter nascido meiga ou frágil, acham que determinados comportamentos e até mesmo gostos, foram adquiridos de forma natural, sem nenhuma interferência da sociedade.

Escolhido o objeto, o tema pensado inicialmente relacionava-se com a recepção. O objetivo era realizar um estudo de recepção do programa. O estudo seria feito com o auxílio de novas tecnologias. Visto que existe na Internet, num desses sites de relacionamentos – o Orkut – existe uma comunidade (espaço criado geralmente afim de unir pessoas em torno de algo em comum e preferivelmente obter diálogos entre os membros a respeito desse assunto).

A comunidade chama-se “Aí Vêm Elas” e possuía mais de dois mil membros. Os participantes freqüentemente comunicavam-se: discutiam sobre o programa, sobre a qualidade dos temas, sobre as mudanças de horários, de apresentadoras, etc.

Tendo em vista este artifício seria realizado um estudo de recepção, e esses ouvintes seriam contactados através da Internet mesmo, a ferramenta que já era de uso comum deles.

Entretanto, devido a alguns problemas essa proposta inicial foi deixada de lado (ao menos momentaneamente). Primeiramente já havia o empecilho do tempo. O programa estava de férias no início do semestre, em novembro, e só retornaria no dia 01 de Dezembro. Então esse tempo não poderia ser otimizado – os programas não poderiam estar sendo analisados ao mesmo tempo em que as referências teóricas estivessem sendo feitas.

Quando o voltou ao ar, o programa foi gravado durante todo o mês de Dezembro. Isto acabou garantido a realização do trabalho, pois a o recesso de Natal e Ano Novo acabou dando origem ao fim do programa, no dia 24 de dezembro de 2008 – o que inviabilizou definitivamente o desejo de realizar uma análise de recepção.

Como a questão do gênero, da sexualidade e do feminino eram as questões mais presentes no programa, o estudo passou a ser então sobre gênero e a representação do feminino. Havia algumas perguntas que buscavam respostas:

Como um programa que se pensa ser voltado para mulher, trabalha a questão do gênero. É de forma explícita? Por que um programa tão feminino tem tanta participação do público masculino? Por que eles escutam ao programa? Para entender melhor as mulheres? Para darem sua opinião? Para se defenderem?

Como é desenvolvido naquele espaço, entre as três apresentadoras, e dali pra fora, com o público ouvinte, as relações de gênero? Como isso influencia na construção das identidades? O que é valorizado no comportamento feminino segundo elas? Qual a representação que elas têm do que é ser mulher?

O objetivo principal deste trabalho passou a ser então: promover um estudo do feminino com base nos programas e tentar mapear de acordo com as apresentadoras a representação da palavra “mulher” que cada uma possui, de acordo com suas falas.

## 2. REVISÃO LITERÁRIA

### 2.1 Gênero

É sabido que as práticas de discriminação de gênero são praticadas há séculos; entretanto, seus estudos só nasceram na década de 1960. Eles são relativamente muito recentes. Entretanto, de lá para cá, muita coisa foi produzida, e em diversos campos temáticos distintos.

O ponto de partida para a discussão do gênero vem da diferença anatômica entre os sexos. A humanidade ao longo dos anos, estruturou uma forma de tratar essas diferenças socialmente. É essa história de diferença social que convencionou-se a chamar de gênero. Desde então, o valor e, conseqüentemente, o poder, tornaram-se explícitos.

Ao longo dos anos talvez esta explicação tenha parecido lógica. Hoje, entretanto, é notório tamanho absurdo que fora criado. A diferença biológica inata aos seres humanos converteu-se em uma enorme escala entre indivíduos de uma mesma espécie. “Diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações.” (BILA SORJ, 1992 apud DIAS, 2003).

Os estudos feministas (não os especificamente de gênero) começaram na modernidade. Por isso valores como o de universalidade e o de igualdade acabaram sendo incorporados para a elaboração de uma identidade feminina.

Com a intensificação desses estudos, houve, entretanto uma modificação no olhar. O indivíduo, e logicamente, a mulher, passam a ser percebidos e entendidos como diferentes entre si e entre as diversas sociedades, em contextos particulares. Descobriu-se que não é possível existir uma identidade feminina coletiva.

Essa mudança não ocorreu apenas no campo do feminismo, mas sim sobre as ciências sociais, a arte e a cultura. Esse período configurou-se como Pós-modernidade. “Um novo olhar se dirige para o social, realçando as singularidades, a diversidade, o subjetivo, em detrimento do geral, do objetivo, do universal”. (SANTOS, 2004)

[...] enquanto o feminismo clássico denunciava a desigualdade e a discriminação, a partir de uma proposta de igualdade que se pretendia universal, o “pós-feminismo” preocupa-se com as diferenças e as relações

não só entre homens e mulheres, mas também “entre homens e entre mulheres, baseando-se especialmente nas diferenças culturais relativamente aos modelos de gênero e, portanto, na inexistência de um modelo universal” (MACHADO, 1992 apud SANTOS, 2004).

É a partir desse contexto que este trabalho pretende ser discutido. Como afirma Santos (2004), toda essa mudança exigiu uma reflexão maior acerca do conceito de patriarcado, utilizado para explicar a condição de subordinação das mulheres. Definida por weber, a dominação patriarcal é:

a submissão pessoal ao senhor que garante, como legítimas, as normas procedentes do mesmo, as quais, ainda que não tenham sido escritas, são consagradas pela tradição. Isso pressupõe sempre o fato de que esse senhor concreto é, na consciência dos submetidos [mulheres, crianças e escravos], “o senhor” por excelência, a ponto de seu poder não estar limitado pela tradição ou por poderes opostos (WEBER, 1993 apud SANTOS, 2004).

O conceito de patriarcado foi redefinido por feministas, sendo concebido como:

Um conjunto de relações sociais entre os homens, que têm uma base material, e que sendo hierárquicas, estabelecem uma interdependência e solidariedade entre eles [...] que lhes permite dominar as mulheres; a base material sobre a que se assenta seria o controle dos homens sobre a força de trabalho feminina e sobre os recursos que as mulheres produzem, e o controle sobre sua sexualidade (SERRANO, 1980 apud HARTMAM, 1994, apud SANTOS, 2004).

Observa-se que o centro de significação sai da condição quase que inata de submissão da mulher; e vai pra as relações sociais entre os homens; o que lhes garantia a dominação perante as mulheres. Ainda assim, o conceito continuava limitando muito o assunto à dominação masculina.

Foi então que feministas empenhadas no desafio de ampliar de alguma forma este debate acabaram chegando ao conceito de gênero. Através dele foi possível a compreensão do comportamento diferenciado de homens e mulheres e ainda das distintas formas de relação entre o masculino e o feminino; e, principalmente, foi

possível compreender que toda relação de gênero é constituída de poder, e este apresenta-se de forma desigual nestes dois pólos.

O que faltava nos estudos feministas para compreender-se gênero era justamente levar em conta peculiaridades como essas, que variam conforme o contexto, a época, o local, e a cultura – afinal, “estes seres são históricos, inscritos no tempo, no espaço, datados de particularidades entre si; ou seja – identidade” (ESTEVES, 2000).

## **2.2 Identidade**

Com a identidade incorporada ao estudo do gênero o universo de estudos pode ser extremamente ampliado. Principalmente porque a partir da modernidade, a identidade deixou de ser entendida meramente como algo fixo, preestabelecido e imutável; e passou a assumir-se como instável e fragmentada. As experiências concretas que o sujeito vivencia em determinada época, cultura, classe social, etc; exercem grande influência sobre sua formação. “A identidade é a síntese pessoal sobre si mesmo, incluindo dados pessoais, biografia e atributos que os outros lhe conferem.” (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2001 apud TORRES, 2003)

De acordo com Santos (2004), nesta fase o indivíduo apresenta duas tendências aparentemente contraditórias. Ao mesmo tempo em que ele passa a torna-se mais individualizado e autoreflexivo (reflexo da identidade moderna), ele também aprofunda o sentido social de sua vida (o conhecimento de si mesmo através da relação com o outro e o reconhecimento mútuo).

Essas tendências acabaram gerando também a crise da identidade. Segundo Esteves (2000), neste fenômeno as velhas identidades entram em declínio; e novas identidades emergem; fragmentando o então sujeito moderno. A tendência atual, de acordo com ele, é a acentuação do individualismo, da identidade como trabalho de criação de uma individualidade própria e particular.

Para Santos (2004), esse processo de individualização do sujeito é conseqüente de fatores sociais, como o atual sistema de consumo e o avanço da tecnologia. “Ambos têm reforçado a idéia de identidade indissociável de marcas ostensivas de estilo, de imagem e de forma de apresentação do indivíduo”.

A contradição parece habitar aqui. Da mesma forma como a sociedade moderna e pós-moderna exalta o sujeito, a singularidade, individualidade e a

identidade; ela se utiliza também de anúncios e de outros meios de massificar esses sujeitos, principalmente através do consumo. Esse fenômeno é natural da pós-modernidade, visto que ela é permeada por ambivalências e contradições. O sujeito em meio a estes dois pólos luta entre a sociedade que incita a individualidade e do mesmo modo, tenta massificá-lo, se dirigindo a ele de forma centralizadora.

Concebendo gênero como uma construção sociocultural e também um aparato semiótico, “um sistema de representações que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, ‘status’ dentro da hierarquia social etc.)” a indivíduos dentro da sociedade, Lauretis coloca que “se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais” (LAURETIS 1994, apud SANTOS, 2004)

Hall (2000) faz uma retomada dos estudos de Saussure sobre a língua. Para ele, nós não somos, em nenhum sentido, os “atores” das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua.

A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas socioculturais. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). (HALL, 2000)

De acordo com Hall (2000), o feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, substituindo-a pela questão da diferença sexual. Pode-se, no entanto ir ainda mais adiante; assim como a *língua*, definida por Saussure, o significado de “*mulher*” é algo que preexiste a nós. Ele esclarece que é comum, e quase que instintivo, tentarmos tomar o individual como todo, tentar unir semelhanças, e transformá-las em homogeneidade. Assim, apesar da tentativa, o *significado* de *mulher*; nunca consegue tornar-se algo

rigorosamente fechado; justamente porque a diferença – a *identidade feminina* - o perturba.

Mesmo com toda essa evolução, a mulher ainda é subjugada em muitas sociedades, pois ainda existe na sociedade brasileira, e em muitas outras o cultivo de cultura de submissão e da diferenciação da mulher. Entretanto, nota-se agora que isso não se deve exclusivamente ao contexto dado, não fosse verdade hoje não haveria mulheres sendo tratadas a pé de igualdades por terem conquistado o seu espaço e se tornado independentes (ainda que nem todos estejam de acordo).

De acordo com Durham (2004) “todas as sociedades humanas conhecidas possuem uma divisão sexual do trabalho, uma diferenciação de papéis femininos e masculinos que encontra na família sua manifestação privilegiada” (DURHAM, 1983 apud SANTOS, 2004)

Como toda conquista importante é difícil, a luta da mulher brasileira no mercado de trabalho é ainda uma tarefa árdua. Além de exigirem mais delas, de ganharem salários menores para a mesma função e de sofrerem preconceito, elas ainda permanecem com as mesmas obrigações que outrora. Ou seja, a mulher que antes era dona de casa, submissa, que cozinhava, cuidava da casa, do marido e dos filhos, agora, além de todas essas funções, ainda trabalha fora. A construção social da mulher ainda está muito enraizada na sociedade.

Segundo TORRES (2003), a idéia de submissão, sensibilidade, contemplação, docilidade, fragilidade como características da identidade feminina é uma mera construção social. Segundo ela,

“quando falamos das mulheres e das lutas feministas iniciadas na década de 1960 não estamos falando apenas de avanços sociais, estamos falando também da mudança da concepção da identidade feminina. A partir desses avanços, com a participação da feminina na esfera pública uma revolução de valores foi iniciada.”.

Para ela, tanto os homens quanto as mulheres estão constantemente na tentativa de corresponderem aos modelos previstos, àqueles padrões de identidade de gênero já estabelecidos. Mas, a identidade não é construída da mesma forma por homens e mulheres; para ela existe a chamada *identidade de gênero*.

O emprego do termo identidade de gênero, como um conjunto de traços construídos social e culturalmente definindo gostos, comportamentos, modos de falar, vestir e agir para homens e mulheres; nem sempre está em consonância com o sexo biológico do sujeito, por serem estruturas fixas, fechadas e sem possibilidades de tensionamentos e conflitos... a identidade de gênero está fortemente ligada à representação dos papéis sociais. (TORRES, 2003).

Há ainda a possibilidade de nascer do sexo masculino e tornar-se culturalmente mulher (e vice-versa). Portanto, “cada um se apropria da realidade simbólica e sócio-cultural a partir da interpretação que faz da diferença anatômica entre os sexos”. (FAGUNDES, 2003).

Para SANTOS (2004) “varia toda uma concepção a respeito do ser masculino e feminino; como a dualidade entre a paternidade e a maternidade”. Desde cedo as crianças são educadas sob a idéia de divisão dos sexos. Menino usa azul e brinca de carrinho, menina usa rosa e brinca de boneca. Quase sempre por traz de uma aparente educação igualitária entre um casal de filhos, existem diferenças. Principalmente a respeito das privações, por parte da menina, e da maior liberdade da parte masculina.

FAGUNDES (2003), cita que na criação mais tradicional da cultura ocidental, meninas aprendem desde cedo que ser mulher é diferente de ser homem. Elas devem interessar-se pelo lar, pelas crianças e pelo marido; exercer funções ligadas a esses universos, além de ser submissa ao marido, ou da figura masculina a quem esteja mais próxima no momento como pai ou irmão. Até mesmo as características da sua personalidade são quase que imperceptivelmente moldadas.

Mulheres devem ser dependentes, pacientes, emotivas, dóceis, e carinhosas. Historicamente estes atributos foram vinculados à identidade feminina e passadas adiante. Já na construção da identidade masculina o poder e a força sobressaem. O homem deve exercer poder, principalmente sobre sua mulher, além de ser corajoso, forte, viril, trabalhador – o homem vive na rua, e a mulher deve viver em casa para sua família.

Lembrando que a essa educação diferenciada para meninos e meninas começa dentro de casa, mas estende-se também a escola e posteriormente a outros meios sociais. Além das vestimentas, brincadeiras e comportamentos diferenciados;

a punição quando há algum descumprimento das regras é extremamente comum nesses contextos, e só fortalece essas diferenças.

Para Da Matta (1985) a casa e a rua são espaços dotados de contrastes. A casa representa a esfera do privado, o íntimo, associado à idéia de família e proteção. Já a rua se caracteriza como o oposto; a esfera pública, um lugar perigoso, desconhecido, onde as pessoas estão desprotegidas.

Segundo conhecida formulação feita por Da Matta, a casa e a rua não devem ser compreendidas apenas como “espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis”, mas como categorias sociológicas que designam “entidades morais, esferas de ação social...” (DA MATTA, 1985 apud SANTOS, 2004)

Santos (2004), entretanto observa algo extremamente interessante na análise de Da Matta (1985). Ele não leva em consideração a questão do gênero dentro desses espaços, excluindo, por exemplo, a possibilidade da casa como um espaço de conflitos e disputas de poder com bases hierárquicas. Em bases reais, ela transmite apenas uma visão idealizada desses espaços, o que não configura o real e nem mesmo a representação que algumas pessoas têm deles. Vale lembrar ainda que os espaços se relacionam com outras categorias além do gênero, como classe social, etnia e idade.

Concordando com essa visão, Torres (2003) afirma que “o meio social fornece e imprime significados diferentes para o comportamento de mulheres e homens que vão sendo introjetados e assumidos como naturais e pertencentes a um e a outro”. Gênero é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. (SCOTT, 1991 apud FAGUNDES, 2003)

Dessa forma, Fagundes (2003), pontua que “a identidade feminina é um construto histórico cultural, resulta da interação entre a consciência que uma pessoa tem de pertencer ao sexo feminino e as conseqüências sociais concretizadas nas relações com o outro”.

De acordo com Santos (2004), em todas as sociedades existe uma divisão de gênero. Seja nas atividades desempenhadas pelos indivíduos de cada sexo ou mesmo pela concepção do que venha ser homem e do que venha a ser mulher, da maternidade e da paternidade, das relações entre eles, e das relações de poder, que se desenvolvem muitas vezes com base no gênero.

Ela utiliza o conceito de poder de Foucault (1985) “uma rede produtiva que atravessa todo corpo social”, e argumenta que a questão do poder se desenvolve no âmbito das microrrelações. Assim, ele penetra por toda sociedade; nas instituições, na rua, em casa; e determina comportamentos, atitudes, e até mesmo gestos.

A televisão, o cinema, a literatura e principalmente as denominadas “revistas femininas vêm sendo alvo de estudos. Ainda de acordo com Santos (2004), as representações e imagens das mulheres no campo dos meios de comunicação é um fenômeno preocupante, pois está servindo para a manutenção e reprodução de estereótipos que reafirmam e reforçam as desigualdades de gênero.

Logicamente entram nessa discussão o grau de poder e a interferência dos meios de comunicação na construção ou manutenção de valores, idéias e comportamentos. A autora adverte que aliado a isso; é importante analisar também o papel das audiências e a sua relação com esses tipos de mensagens. Não é novidade que as audiências não são apáticas e desprovidas de autonomia, desta forma a compreensão e interpretação é um processo complexo e individual. Diferentes audiências terão interpretações distintas, visto que o acesso aos meios de comunicação não é igualitário para todos na sociedade.

Diversas “representações” da figura feminina são então criadas/ reforçadas. Segundo Santos (2004), as representações situam-se entre o vivido (vivência social) e o concebido (saber).

As representações, portanto, são produzidas e reproduzidas em contextos significativos, através de um processo que envolve uma série de fatores de ordem social e subjetiva, tanto no nível da vivência como do conhecimento, e esses fatores estão presentes no momento e no processo de percepção, compreensão e significação das audiências. (SANTOS, 2004)

Dessa forma, por questão de interesses ou não, os meios de comunicação contribuem para a propagação de representações sociais, valores e costumes, visto que como qualquer atividade, ela está submetida a interesses.

### **2.3 Representação**

O pai da expressão “representação social” é o sociólogo francês Emile Durkheim, para ele este conceito estava no centro de debate da tentativa de traduzir sociologicamente a realidade social. A dificuldade, segundo ele, está em distinguir as representações sociais individuais das coletivas, já que ambas são traduções de objetos por sujeitos. Durkheim (1966) propôs que as representações coletivas como elementos tradutores da maneira pela qual o grupo se pensa”.

Sua tentativa não era desqualificar as representações individuais, mas dar luz às representações de ordem coletiva, a necessidade de se entender essa coletividade em relação aos objetos que a cerca.

Segundo Durkheim (1966), as representações individuais não conseguem sobrepor as representações coletivas. Isso quer dizer que, um mesmo objeto pode ser representado de maneira diferente por grupos distintos, embora essas representações não sejam sempre exclusivas ou inéditas. Assim, as representações sociais coletivas podem ser completamente diferentes das representações individuais.

Mais tarde, a expressão veio à tona novamente com Moscovici (1978), que desenvolveu uma teoria sobre as representações sociais na Psicologia Social. Segundo ele, as representações sociais estão presentes no cotidiano, e circulam através do gestos, da fala, ou mesmo de observações. Ao mesmo tempo em que essas representações são criadas pelos indivíduos da sociedade, ela serve também para guiar o comportamento.

Através da percepção, a representação social ajuda o indivíduo a entender o ambiente em que determinado comportamento está inserido. As representações de cada indivíduo refletem o grupo social ao qual ele pertence.

As mídias assumem um papel importante na vida de todos. Não há como passar inatingido por elas. A produção das mensagens midiáticas assume um papel relevante na formação e no comportamento dos indivíduos. Dentro desse mundo é constante a luta para gerar, mudar ou fortalecer opiniões. Isso fortalece a compreensão de que as mídias não são apenas recursos audiovisuais; através da comunicação de massa, como mostra o estudo da indústria cultural, a sociedade ganha com a democratização das informações, mas também peca por mostrar uma visão passiva ou acrítica diante dos acontecimentos; em ambos os casos a comunicação pode ser tida como extremamente importante na formação do cidadão.

A publicidade cada vez mais sofisticada e inteligente seduz de forma sutil o interlocutor através do seu apelo. Detalhes mínimos são levados em consideração nessas construções. O consumidor deve sentir-se único e especial. O produto ou serviço oferecido soa como se tivesse sido desenvolvido especialmente para cada um deles. Atende perfeitamente às necessidades, que muitas vezes são inebriadas por trás de toda aquela sedução. Quem sou eu? Do que eu preciso? Do que eu gosto? Quais são os meus valores? São perguntas freqüentes nesse turbilhão da modernidade.

Segundo Silva (1999) apud Morgado (2007), " a publicidade reflete a forma como os padrões estabelecidos socialmente estão instaurados. Afinal, não é função da publicidade criar conflitos sociais, mas sim vender produtos cada vez a um número maior de pessoas".

Os meios de comunicação ao mesmo tempo em que influenciam a sociedade, também são reflexo dela. As mensagens veiculadas são marcadas pelas mesmas desigualdades que há entre os homens e as mulheres, onde cada um tem o seu lugar preestabelecido. Ou seja, ela é mantenedora dessa situação de diferenças e disputa de poderes entre homens e mulheres.

Na publicidade em especial, o universo feminino é totalmente segregado masculino. Os valores são outros, as ideologias, o discurso; como pode-se observar por exemplo nas revistas especializadas para cada sexo. A mulher como cita Giddens (1993) é ainda hoje relacionada a características como a docilidade, a fragilidade, a dependência, a bondade, entre outros; enquanto que o homem relaciona-se com a força, a virilidade, o trabalho, etc. E a mídia atua como porta voz dessa visão retrógrada, ela continua a agir e a tratar a mulher nesses moldes, a representação feminina continua atrelada a submissão em contraste com a masculina, de dominação.

## **2.4 Sexualidade e Co-dependência**

Segundo Giddens (1993), o termo *sexualidade* "se trata de um componente biológico e como tal necessário à continuidade das espécies". Para ele o tema poderia ser desprovido de qualquer importância, já que é essencialmente privado. Entretanto, nota-se que o sexo se apresenta cada vez mais presente no cotidiano público.

O que se diz é que durante as últimas décadas ocorreu uma revolução sexual; e as esperanças revolucionárias têm conduzido à reflexão sobre a sexualidade muitos pensadores, para os quais ela representa um reino potencial da liberdade, não maculado pelos limites da civilização atual. (GIDDENS, 1993).

A sexualidade teve sua origem reconhecida no século XIX, mas sobre forte repressão. As mulheres que desejavam prazer sexual eram consideradas anormais, patológicas, e por isso, deveriam ser tratadas. De acordo com Giddens (1993), na Grã-Bretanha, por exemplo, há cerca de apenas 75 anos, muitas moças solteiras que ficavam grávidas eram enviadas aos milhares para reformatórios e hospitais mentais.

Giddens (1993), relata o trabalho de Lillian Rubin, que em 1989 estudou as histórias sexuais de quase mil pessoas heterossexuais nos Estados Unidos, entre 18 e 48 anos de idade

O resultado entre as garotas sexualmente ativas era uma visão muito depreciativa. Elas eram depreciadas pelas outras garotas e também pelos homens que tentavam 'se aproveitar' delas. A reputação de uma garota era medida proporcionalmente à capacidade de resistir aos avanços sexuais. Por sua vez a reputação dos garotos era medida de acordo com o número de experiências sexuais anteriores. Esse quadro bastante retrógrado parece antiquado, mas ainda é comum nos dias de hoje.

Ainda segundo a pesquisa realizada por Rubin (1989), a maior parte dos homens aceita bem o fato das mulheres terem se tornado mais disponíveis sexualmente. Eles manifestaram que desejam se envolver numa relação sexualmente prolongada com uma mulher intelectual e economicamente igual a eles. Entretanto Rubin (1989) descobriu também que eles sentem-se desconfortados quando exposto a tal situação.

Ou seja, eles aceitam, na maioria das vezes, da boca pra fora essa igualdade dos sexos. Mas no momento em que deparam-se com uma esposa que ganhe mais, por exemplo, sentem-se ameaçados, confrontados. Ainda hoje é comum se ver maridos que proíbem suas esposas de trabalhar fora. Eles as suprem com tudo o que teoricamente necessitam para que não queiram buscar nada fora de casa – temendo que elas se envolvam com outra pessoa, ou que se envolva demais no

trabalho, ou mesmo que ameace o seu status de chefe de família e queira competir espaço dentro de casa.

Ganhar mais é geralmente uma ofensa. Os homens ainda não aprenderam a lidar com essa situação que deveria ser natural. É como se a masculinidade fosse afetada no momento em que as mulheres os superam em algo que teoricamente é de sua obrigação (o homem como provedor da casa).

A virtude feminina foi tradicionalmente definida pela recusa em ceder a tentação sexual. Já para os homens, o sexo em variedade sempre foi considerado como necessário para a saúde física. “Em geral tem sido aceitável o envolvimento dos homens em encontros sexuais múltiplos antes do casamento, e o padrão duplo após o casamento era um fenômeno muito real”. (GIDDENS, 1993).

Giddens (1993), entretanto lembra que ‘Hoje é comum uma mulher ter muitos amantes antes de assumir (e mesmo durante, assim como depois de terminar) um envolvimento sexual “sério”. As mulheres já não admitem mais a dominação masculina há tempos; e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenômeno’.

Afinal, vivemos em “um mundo de igualdade sexual crescente – ainda que tal igualdade esteja longe de ser completa – ambos os sexos são levados a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento, em relação ao outro”. (GIDDENS, 1993)

É verdade que as mulheres lutam pela igualdade dos sexos, mas muitas até reforçam essas diferenças também. Algumas têm uma visão extremamente machista e submissa, acham que trair é natural do homem e deve ser aceito. Quando acontece a traição pela parte feminina elas reprovam com repulsa o ato ilícito.

Já com entre os homens essa situação é totalmente invertida. “A compulsão sexual masculina tende a ser diferente. Não há equivalente masculino para a mulher ‘perdida’, e o homem dado a aventuras sexuais é com frequência admirado, particularmente em meio a outros homens.” (GIDDENS, 1993)

Hoje em dia as mulheres esperam tanto receber quanto proporcionar prazer sexual. O sexo é um elemento importante no namoro e no casamento, as mulheres já o consideram como requisito obrigatório para um casamento satisfatório.

Com a revolução sexual, o sexo deixou de ser um tabu. Muito pelo contrário, tem sido cada vez mais discutido e investigado na civilização moderna. Para Giddens (1993), a experiência sexual tem-se tornado mais livremente disponível do

que jamais foi. As mulheres querem sexo como “uma reivindicação limitada à autonomia e à realizações sexuais”.

As mulheres querem sexo? Sim, pela primeira vez as mulheres coletivamente, e não como especialistas em uma *ars erótica*, são capazes de buscar o prazer sexual como um componente básico de suas vidas e de seus relacionamentos. Os homens querem amor? Certamente, apesar das aparências em contrário – talvez mais que a maioria das mulheres, embora de formas que ainda precisam ser investigadas. (GIDDENS, 1993)

Já os homens que buscam por variedade, são chamados por Giddens (1993) de “garanhões”. Segundo ele, os garanhões combinam uma dedicação à busca sexual a um desprezo mal dissimulado pelos próprios objetos do seu desejo. As mulheres que são desejadas com uma intensidade esmagadora transformaram-se em nada, assim que um caso atingiu o seu objetivo.

Com a mudança das mulheres em relação à disponibilidade sexual, o papel principal dos garanhões, segundo Giddens (1993), foi deixado de lado. “O garanhão atual não é alguém que cultiva o prazer sensual, mas uma pessoa que busca emoções em um mundo de oportunidades sexuais abertas”.

Giddens (1993), apóia a evolução e a conquista de espaço pelas mulheres. Segundo ele, os homens devem romper com a idéia de que as mulheres devam ser passivas e apaixonadas; eles devem esperar relacionar-se com mulheres que são pessoas independentes.

Assim como as mulheres reivindicam seu “lado masculino”, Giddens (1993) fala que os homens também necessitam desenvolver seu “lado feminino”, “reivindicar emoções, necessidades de dependência, passividade, instabilidade, jovialidade, sensualidade, vulnerabilidade e resistência a sempre assumir responsabilidade” (GOLDBERG, 1980 apud GIDDENS, 1993)

Segundo Giddens (1993), independente das limitações e distorções que ainda existam na sociedade, hoje existe um diálogo muito mais aberto sobre a sexualidade. E esses avanços se devem em grande parte a luta das mulheres. Para ele a solução para uma vida pessoal mais democrática é a emancipação sexual. Vida pessoal nesse caso não se restringe a sexualidade, mas as relações entre amigos, família, etc.

Giddens (1993) fala também da co-dependência, conceito usado em antagonismo ao comportamento libertino dos galãs, geralmente para as mulheres que se envolvem com esse tipo de homens. O conceito não foi criado por profissionais, surgiu da atuação de indivíduos que lutavam contra o seu próprio alcoolismo.

uma vez iniciado qualquer relacionamento, o mais provável é que fiquem logo profundamente envolvidas. As vidas de tais mulheres são repletas de romances desastrosos ou de envolvimento longos e dolorosos com homens que, de um modo ou de outro, abusaram delas. Resumindo, estas mulheres são co-dependentes, tendo-se tornado um lugar comum na literatura terapêutica que a co-dependência – embora de forma alguma limitada às mulheres – é um termo que de certa maneira descreve o que antigamente se chamava genericamente de “papel feminino”. (GIDDENS, 1993)

Hoje existem as mulheres co-dependentes (assim como os homens), elas costumam ser extremamente protetoras, e mais do que isso, elas necessitam prestar esse cuidado a alguém (seja ele marido, namorado, pai, filho, etc). Segundo Giddens (1993), uma pessoa co-dependente necessita de um outro indivíduo para suprir suas carências. Ela (e) não consegue ter autoconfiança se não estiver dedicado às necessidades de outros. “Um *relacionamento* co-dependente é aquele em que um indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade”. (GIDDENS, 1993)

### **3. Metodologia**

A primeira etapa do trabalho se destinou ao levantamento bibliográfico e a seleção de leituras que poderiam ser necessárias e interessantes ao estudo, como o estudo de gênero, de identidade, de representação, valores éticos, sexualidade, etc - estudos imprescindíveis ao trabalho.

A idéia de aliar a primeira etapa do trabalho às gravações do programa não foi concretizada, pois, o programa só voltou das “férias” no mês de Dezembro. A segunda etapa, portanto, consistia na produção da revisão literária e na gravação dos programas.

Na terceira etapa foi dada uma maior atenção aos programas, além de ouvidos por diversas vezes, estes foram também transcritos – para que fosse possível analisar melhor cada fala. Posteriormente foi feita a análise geral do programa, onde foi abordado o formato do programa, a dinâmica e a participação das apresentadoras. Em seguida foi feita uma análise de participação quantitativa entre os ouvintes: quantos participavam diariamente do sexo masculino e feminino, quantos eram anônimos (as). A partir de então os resultados foram analisados e comparados de modo a achar respostas para algumas perguntas.

O passo seguinte foi analisar diretamente as falas das ouvintes e das apresentadoras, analisar o diálogo entre eles, a maneira como eles expressavam suas opiniões, os valores que eram mais comuns. A tentativa era mostrar a maior variedade possível nos discursos, e descobrir as opiniões que mais apareciam no programa (mais conservadora, mais moderna, mais machista, mais feminista, etc).

Na última etapa, tendo feito todas as análises anteriores, a fala das apresentadoras foi levantada e os valores éticos mais recorrentes e mais representativos foram colocados numa tabela. Com base nessa tabela, e no material desenvolvido anteriormente, foi construída uma representação de “mulher” para cada uma das apresentadoras.

## 4. ANÁLISE DESCRITIVA

Esta parte do trabalho pretende trabalhar com o mapeamento do programa. A análise descritiva do programa irá servir como base para as demais análises. Além disso, irá ajudar a responder a algumas perguntas iniciais. .

### 4.1 Análise do Programa

#### 4.1.1 O programa

O Programa “Aí Vêm Elas”, da Rádio MetrÓpole (atualmente extinto desde de o dia 24 de Dezembro de 2008), era de veiculação diária, de segunda à sexta-feira. O programa já sofreu diversas mudanças: de apresentadoras, de horário e de duração. Mas, dentro do período analisado (01 de Dezembro de 2008 à 24 de Dezembro de 2008), o horário da transmissão era das 16h às 17h.

Ele existia desde 2005 e já teve diversas formações, a única integrante que nunca se ausentou do programa foi a jornalista Rita Batista. Além dela, o programa em sua última versão – a que está sendo analisada - era composto por mais duas apresentadoras: Luana Montargil e Lis Grassi. Luana Montargil era a produtora-chefe do programa e Lis Grassi foi recém incorporada ao time, em 01 de Dezembro de 2008 – quando o programa voltou das “férias”.

Era um programa de entretenimento para o público adulto em geral e especialmente para a mulher (apesar de ter grande participação masculina, muitas vezes até maior que a feminina). Segundo uma definição do site da Rádio MetrÓpole era “Uma conversa entre amigas sobre amor, sexo, traição, conquistas, desilusões e outros assuntos”.

Já na locução de abertura do programa a descrição é a seguinte: “Aí vêm elas – onde grandes amigas se encontram. Aí vêm elas – conversa séria e gostosa de mulher sobre emoções, decepções, fetiches, caminhos, opções e vitórias. Aí vêm elas – Trazendo muito mais vida ao seu dia-a-dia. Aí vêm elas – Na metrÓpole, com a força e a magia que só as mulheres têm.”

Como é possível perceber através desta duas definições da Rádio MetrÓpole (a de locução de abertura e a do site), o programa se assumia como voltado para o público feminino. Os assuntos eram geralmente do universo feminino, como as revistas especializadas para mulheres que discutem sexo, sexualidade, maquiagem,

moda, comportamento, traição e etc. Os assuntos e discussões eram em geral rasos e apolíticos, não visavam provocar a transformação ou a mudança, apenas motivar o interesse e participação das ouvintes.

#### 4.1.2 Dinâmica do programa:

O programa funcionava da seguinte forma: a cada dia um tema era escolhido e introduzido no início do programa. A partir desse tema, tanto as apresentadoras quanto os ouvintes (e os eventuais convidados) manifestavam suas opiniões e teciam comentários sobre o tema.

Nas quintas-feiras a situação era especial; o tema era introduzido pela sexóloga Regina Navarro Lins, diretamente do Rio de Janeiro, através do telefone. Ela articulava o tema geralmente a alguma história e posteriormente, trazia para os dias atuais as questões. A partir de então, a palavra voltava às apresentadoras e a participação dos ouvintes estava aberta.

Essa participação era feita através do telefone, ao vivo com as apresentadoras, através do telefone com as *telemarketings* (o ouvinte deixava o recado e as apresentadoras liam em seguida), através do fax, ou ainda através da Internet, mandando as mensagens pelo site da rádio.

A questão dos convidados não era definida. As participações variavam tanto em dias quanto em números de vezes durante a semana. Sempre que era possível, um convidado, ou até dois – como no caso da dupla de cantores do “Vixe Mainha” (Pierre Onassis e Sátira) – participavam do programa.

#### 4.1.3 As Apresentadoras

De certa forma criou-se uma representação para cada apresentadora: Luana Montargil, 33 anos, é casada, tem um filho pequeno de quatro anos, e leva uma vida nos moldes tradicionais. É católica e um pouco conservadora.

Rita Batista é o inverso: Na faixa dos trinta anos, solteira, mora sozinha, é adepta do candomblé. Seu discurso mais marcante é sobre os relacionamentos; a jornalista admite que não acredita e não se importa com a fidelidade dos corpos e sim dos sentimentos – contrariando sempre as demais apresentadoras e a maioria dos ouvintes.

Já a mais nova, Lis Grassi, tem 21 anos e é recém-formada em Jornalismo (quando começou a trabalhar ela ainda era estudante). Lis tem um espírito jovem e

festivo, e ainda não tem a experiência das demais apresentadoras; gosta de ir a ensaios de verão, de sair com as amigas, e ainda sofre com a castração da mãe. Através dela o programa tem uma visão do público mais jovem, de uma filha que ainda vive com a mãe. Ela tem uma visão de uma outra geração das coisas.

Além das três apresentadoras o programa conta ainda com a participação masculina de um locutor: Marcos Castelhana (“Marcão”), que também recebe e encaminha as ligações.

O Aí Vêm Elas conta também com momentos mais jornalísticos: Notícia da Metrópole (com Stephanie Suerdieck) e O Trânsito na Metrópole (com Tatyanna Hayne). Há ainda durante o programa os intervalos comerciais.

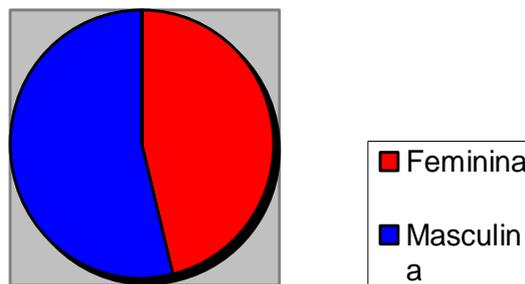
## **4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA**

Após escutar e transcrever os programas foi possível estabelecer alguns critérios interessantes para uma análise. Este estudo busca tentar encontrar respostas a algumas perguntas feitas anteriormente: Por que um programa tão feminino tem tanta participação do público masculino? Por que eles escutam ao programa? Para entender melhor as mulheres? Para darem sua opinião? Para se defenderem?

### **4.2.1 Participação: Masculina/ Feminina**

Num total de 16 programas gravados durante o mês de Dezembro de 2008, a participação masculina superou o número de participantes do sexo feminino. Ao todo foram contabilizados 318 ouvintes participantes; enquanto os homens tiveram um total de 170 participações (o que representa aproximadamente 54% do total de participações do programa), as mulheres tiveram 148 (o que representa aproximadamente um total de 46% do total de participação do programa).

### Participação



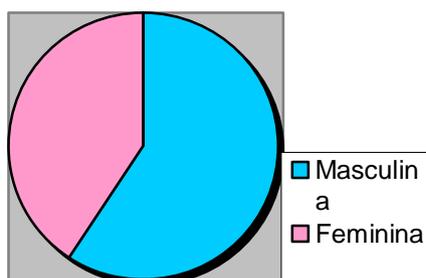
Os resultados tornaram-se reveladores, pois um programa feminino que se propõe a discutir assuntos relacionados ao universo feminino, relacionamentos, etc, alcança maior participação do público masculino do que do público feminino. Para tal efeito existem três motivos principais que serão melhor colocados a seguir:

O primeiro refere-se a tentativa masculina de entender um pouco mais sobre esse universo tão complexo e confuso que é para os homens o universo feminino. Um segundo motivo seria basicamente o oposto, a participação masculina se daria no intuito de defender a opinião dos homens, o lado mais machista. Já o terceiro, seria simplesmente um interesse pelos assuntos e uma motivação a participar dos debates propostos.

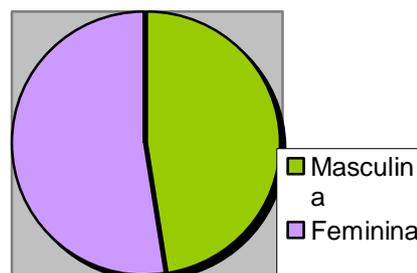
#### 4.2.2 Participação: Direta/ Indireta

É interessante notar que o número de homens que participaram de forma direta através do telefone é muito maior do que o de mulheres: 84 contra 58, o que representa 59% contra 41%. Já na participação indireta (email, telemarketing ou fax), o número de mulheres foi maior: 96 contra 87.

#### Participação Direta



#### Participação Indireta

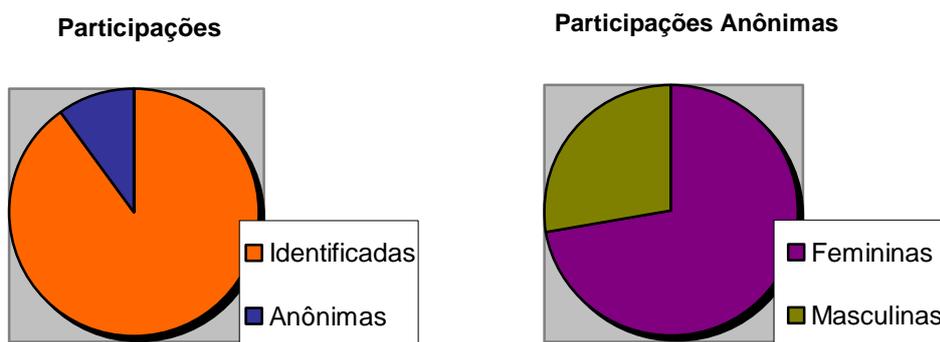


Novamente o resultado foi surpreendente, pois, já que o programa é produzido e dirigido principalmente ao público feminino, era de se esperar que as mulheres participassem mais de forma direta. Entretanto os resultados demonstraram o contrário: os homens se sentem mais à vontade para falar, dar sua opinião e conversar através do telefone ao vivo do que as mulheres. A maioria delas prefere opinar de forma indireta.

Isso demonstra uma maior segurança por parte dos homens, uma maior convicção a respeito de suas opiniões. Isto se deve em parte a construção histórica destes dois modelos: feminino e masculino. O homem ainda hoje, mesmo que de forma inconsciente, ainda sente-se superior, soberano à mulher. E esta, por sua vez, ainda sente-se inferior e temente ao sexo oposto, ela não se sente à vontade para manifestar-se mesmo sendo um espaço feminino. Já os homens sentem-se muito mais descontraídos num ambiente que lhes deveria parecer mais hostil. A relação ainda é dominação.

#### 4.2.3 Anônimos X Anônimas

Quanto ao número de participações anônimas, dentre os 16 programas, houve um total de 32 anônimos, num universo de 318 participações. Isso representa aproximadamente 10% de ligações anônimas no total de ligações.



Dentre as 32 participações anônimas, 23 foram de mulheres – o que representa aproximadamente 72% das participações anônimas do programa (sendo por 15 de forma direta, por telefone e 8 de maneira indireta). Já a participação anônima

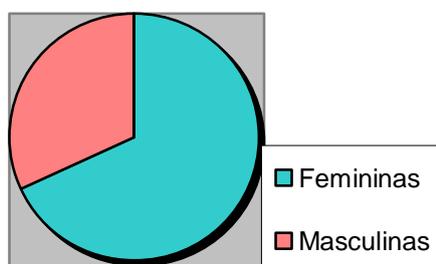
masculina foi de apenas 9 homens – o que representa apenas 28% das ligações anônimas (sendo 7 de forma direta e 2 de forma indireta).

Seguindo os resultados obtidos até agora, a participação masculina como mostrou-se mais desinibida e à vontade correspondeu às expectativas. A participação anônima dos homens foi muito inferior à das mulheres, reforçando mais uma vez a timidez e insegurança da mulher em se expressar abertamente e a segurança masculina soberana.

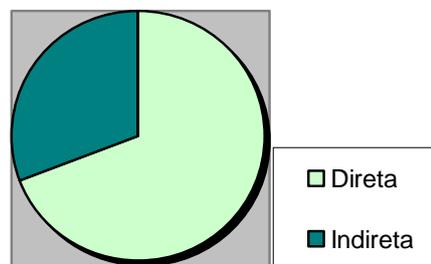
#### 4.2.4 Maior Participação Masculina:

Dos 16 programas analisados, em 11 edições a participação masculina supera feminina. Entretanto, o dia de maior discrepância foi no dia 12 de Dezembro, no qual o tem foi: “Não consigo fazer com que meu marido sinta tesão. O que pode ser?”. Participaram um total de 19 pessoas, destas 13 foram do sexo masculino (o que representa aproximadamente 68% da participação do programa) enquanto apenas 6 mulheres participaram (cerca de 32%).

**Maior Participação Masculina**



**Maior Participação Masculina Direta**



A diferença é maior ainda quando se comprar a participação direta masculina com a feminina, dos 13 homens que participaram, 9 o fizeram de forma direta (o que representa aproximadamente 69%). Já as mulheres, no total de 6 participações, apenas 2 foram diretas (o que representa aproximadamente apenas 33%).

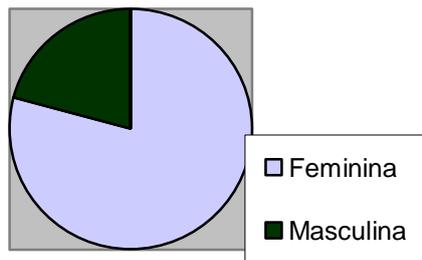
Novamente as mulheres mostram-se inseguras frente aos homens. Além disso, o tema relacionado ao prazer sexual, que é de interesse masculino, motivou a participação dos homens no programa – foi o dia de maior participação. Ao que talvez pudesse constranger, deixou os homens muito à vontade e muito interessados em dar suas opiniões sobre o assunto.

#### 4.2.5 Maior Participação feminina: Tema / Convidado

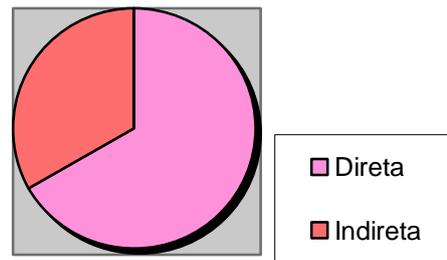
Dos 16 programas analisados o número de participação feminina é maior em apenas 5 dias. À essa evidência acrescentam-se 2 fatores determinantes: o tema e o convidado.

No dia 19/12, por exemplo, foi o dia que obteve o maior número de participações femininas. O tema do dia foi: “Você mudaria seus planos por amor?”. Do total dos 14 participantes, 11 foram mulheres (o que representa 79% das participações) e apenas 3 foram homens (21%). Do total de participação feminina, aproximadamente 72% se deu de forma direta (sendo 8 participações diretas e 3 indiretas). Já entre os homens, a participação direta foi de apenas 1 ouvinte e de 2 ouvintes de forma indireta.

**Maior Participação Feminina**



**Maior Participação Feminina Direta**



No dia 15/12, o tema escolhido foi: “Por que tanta cobrança na vida?”, um tema de interesse aparentemente de ambos os sexos. Entretanto o convidado do programa foi o cantor da Banda Motumbá – Alexandre Guedes. Alexandre é considerado um símbolo sexual entre as mulheres, e por isso muitas delas ligaram apenas com intuito de falar ou elogiar o cantor. Ou seja, o que motivou essa participação feminina neste dia foi a presença de um convidado atrativo a esse público. No dia a participação foi de 12 pessoas, sendo 3 do sexo masculino (1 participação direta e 2 indireta) e 9 do sexo feminino – o que representa 75% das participações (sendo 6 participações diretas e 3 indiretas).

Já nos demais dias não houve a presença de nenhum convidado. O responsável pela participação foi mesmo o tema. Foram eles: “Dependência emocional”, “Mal gosto”, “Você mudaria seus planos por amor?”, e “Maternidade”. Em geral são temas mais ligados a idéia do relacionamento e do romantismo do que ao sexo ou à sexualidade. Entretanto o maior número de participação não significa

uma concordância com o tema proposto. Significa apenas uma atração, uma motivação a participar do programa.

### 4.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

As passagens do programa transcritas abaixo servem para explicar um pouco sobre a dinâmica do programa e para tentar algumas perguntas pensadas anteriormente. De que forma se desenvolvem as opiniões e se constroem as representações neste contexto? Como um programa que se pensa ser voltado para mulher, trabalha a questão do gênero. É de forma explícita? Como é desenvolvido naquele espaço, entre as três apresentadoras, e dali pra fora com o público ouvinte, as relações de gênero? Como isso influencia na construção das identidades?

#### “Aí Vêm Elas” – 03/12/08 – Tema: Traição

**Ouvinte:** *A questão de você satisfazer o desejo... é, é muito mais fácil para o homem satisfazer um desejo e passar batido e continuar a vida dele do que a mulher. A mulher normalmente tem uma facilidade [dificuldade] maior de chutar o pau da barraca; é satisfazer o desejo e ficar.*

**Rita Batista:** *Como é? Peraê, peraê! Se relacionar, é isso? Ficar apaixonada?! Ai gente. Olhe, de novo a tese do sexo frágil. Que a mulher é tão frágil que aí vai conhecer um outro homem, estando com um parceiro fixo, enfim; e aí vai se apaixonar perdidamente por esse amante, vai ficar tão louca da vida que vai terminar uma relação sólida, duradoura, com filhos e frutos. Ó, me desculpa viu Roberto?! É Rita falando, mas você sabe que isso pra mim é balela. (sic)*

**Luana:** *Não, mas eu tinha essa teoria, eu pensava assim também. Que pra mulher é mais difícil você ter um sexo só pelo sexo. Hoje Roberto, eu vejo que isso é furada. Que não existe mais, as mulheres tão procurando prazer e ponto. Não tá procurando um namorado, nem um marido. (sic)*

**Rita:** *Defenda a sua classe!*

**Luana:** *Mas Rita, eu posso até defender minha classe, mas eu não sou hipócrita. É o que tá acontecendo, é o que eu tô vendo, pessoas do meu ciclo de amizade, falando isso e defendendo a busca pelo prazer e ponto. E não se envolvendo, ou se envolvendo, ou não se envolvendo... depende. (sic)*

**Rita:** *Mas a sua busca se encerra da porta da rua da sua casa e só. É da porta da rua pra dentro.*

**Luana:** *Mas eu não to falando de mim, to falando das mulheres de hoje.*

**Rita:** *Ô meu Deus do céu, ô meu Deus... eu to falando das mulheres casadas, que prezam pela fidelidade e você as representa aqui como lar alto da moralidade neste programa. É isso que eu to lhe dizendo. Não tô falando de você aqui não! Né?!*

A passagem ilustra um ouvinte com uma opinião machista e retrógrada a respeito da mulher. O que antes correspondia a representação da mulher, hoje não cabe mais. A mulher deixou de ser aquele ser inferior e dependente emocionalmente. Cada vez mais próxima do comportamento e dos ideais masculinos, as mulheres têm surpreendido a muitos. O ouvinte, no entanto, ainda tem uma visão ultrapassada da mulher, aquela que não sabe separar o sexo do sentimento, que é dependente do homem. “As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenômeno”. (GIDDENS, 1993). Entretanto como exemplos vivos das próprias apresentadoras vê-se que a história mudou de rumo. As mulheres estão aprendendo muito com a vida e com os homens.

Percebe-se também, com clareza; a imagem estereotipada das apresentadoras. Rita Batista aponta Luana Montargil como pertencente à classe das mulheres casadas, e cobra uma defesa da parte dela nesse sentido. Ela define a classe das mulheres casadas como as que “prezam pela fidelidade”. Segundo Rita, a figura de Luana representa o “lar alto da moralidade” no programa.

Abaixo, duas passagens do programa que ilustram a defesa dos homens por parte de Rita Batista. Uma do dia 04/12 e outra do dia 16/12.

**“Aí Vêm elas” – 04/12/08 – Tema: Amizade**

**Rita:** *Olhe, hoje eu tava ali perto da reitoria da Universidade Federal, de carro, né?! E tava aquele engarrafamentozinho ali, porque afunila e tal. Aí tinha um cara... olha comportamento masculino, menino! Homem, olhe homem, não há ser mais fiel que o homem, aos seus próprios instintos e sentimentos. E eu acho isso fantástico nos homens! É por isso que eu rendo homenagem ao masculino.(sic)*

**Luana:** *Vai começar! Nessa temporada você não tinha começado ainda. Defensora fiel dos homens. Eu tenho que defender as mulheres nesse programa, porque senão Rita...*

**Rita:** *[risos] 3505-5000. A gente tá falando de amizade hoje Aqui no ‘Aí Vêm Elas’, viu?! O negócio é o seguinte, menina. Eu aí buzinei, fiquei irritada, mas depois fiquei pensando. Tinha uma mulher linda assim passando, reboiativa e tal, do lado esquerdo. E eu tava atrás do carro. E tinha um “Pampa”. E o cara, menina: Psiu, num sei o quê – falando com a menina, aquela coisa. E matracando, né?! Andando no passo da menina, só que ele tava no carro. E acabando com o resto do trânsito. Mas eles fazem muito isso. Eles não tão nem aí, quem ta atrás, quem ta na frente. E assim, na hora, é claro, você se irrita, né?! Tá com horário e tal. Mas eu fiquei pensando nisso, quando cheguei no meu destino. Eu fiquei pensando: gente, esse cara não perde uma oportunidade. (sic)*

**“Aí Vêm Elas” – 16/12/08 – Tema: Dependência emocional.**

**Rita:** *Aqui, anônima! Vamo fechar com anônima! (sic)*

**Luana:** *Ultimo! Então ta bom. “E os homens que não são dependentes emocionalmente não, porque eu só vejo mulheres.” Ta perguntando por quê os homens não?*

**Lis:** *“Os homens não são.”*

**Rita:** *Ah!*

**Luana:** *“Ainda aquela história de sexo frágil, sensível, e dependente, é isso?!”*

**Rita:** *Não, essa conversa de sexo frágil não. Mas eu acho que o homem é ótimo, e homem é pragmático, é prático. Quer, quer, não quer, não quer. Um abraço e tchau! Adoro homem!*

**Lis:** *Não, acho que tem homem dependente sim.*

**Luana:** *Tem uns malucos aí que inclusive cometem aqueles crimes passionais, né?!*

**Lis:** *Tem!*

**Rita:** *Aí é maluco. [risos]*

**Luana:** *É, tem uns malucos aí que são dependentes sim. Que enche o saco.*

**Lis:** *É, tem um monte de homem insuportável.*

**Luana:** *Mas que precisam de tratamento também como as mulheres.*

**Lis:** *É*

Nas duas passagens acima Rita Batista defende claramente os homens. Segundo ela eles são mais simples, práticos, pragmáticos. São fieis aos seus ideais, convicções, instintos e sentimentos.

De um modo geral, as mulheres, geralmente são mais precavidas, pensativas e desconfiadas. Já os homens parecem se importar ou mesmo pensar muito a respeito das conseqüências de seus atos, apenas são fiéis a eles mesmos. É essa praticidade e sinceridade que encanta a apresentadora, que sempre acusa as mulheres de serem complicadas demais.

Rita já conhecida entre as colegas de trabalho e entre os ouvintes como defensora dos homens. Com essa defesa, há quem goste e apóie e há quem se posicione contra tal defesa. Logicamente os homens gostam de ter uma defensora do sexo feminino ao lado deles.

Devido a forte simpatia e a personalidade forte que Rita possui, ela também acaba conseguindo adesão de algumas mulheres mais “modernas”, que valorizam a praticidade dos homens em detrimento da “mulher problemática”. Cenas como essa participam claramente da construção da identidade dos ouvintes, bem como das representações.

**“Aí Vêm elas” – 04/12/08 – Tema: Amizade**

**Ouvinte:** *O que eu acho um absurdo é que antes os homens não prestavam e as mulheres viviam reclamando. Os homens eram infiéis, insensíveis e tantas outras coisas. Aí as mulheres resolveram o problema: imitaram os homens e os seus defeitos – banalizando ainda mais os sentimentos. Sinto com pesar a morte do romantismo.*

**Lis:** *Eu acho que o romantismo não morreu não. Mas as mulheres estão muito parecidas com os homens. O comportamento, o jeito de pensar, as mulheres hoje estão mais livres.*

Percebe-se através da fala desse ouvinte a visão equivocada que ele tem a respeito do que é ser homem e do que é ser mulher. São perfis extremamente estereotipados como os de outrora. A mulher romântica, sentimental, fiel, delicada; o homem infiel, insensível, etc. Por fim ele culpa a mulher pelo fim do romantismo, no momento em que, segundo ele, a mulher se iguala ao homem, ela banalizou os sentimentos e pôs fim ao romantismo.

É com algo semelhante a essa pequena discussão sobre o comportamento feminino que as apresentadoras iniciam o tema do programa do dia 10/12/08, transcrito abaixo:

**“Aí Vêm elas” – 10/12/08 – Tema: O comportamento das mulheres hoje tem se tornado muito próximo ao masculino?**

**Luana:** *... esse comportamento [feminino] está muito parecido com o masculino. Elas estão querendo cada vez mais aproximar-se do masculino, daquela coisa, né?! do decidido... não pegou uma mulher e botou nos dias de hoje. O que é que ela fez? Ela pegou o comportamento masculino para o dias de hoje. Ela não se transformou dentro do feminino, mas sim, tá copiando os homens. (sic)*

**Rita:** *Copiando em várias coisas: no trair – não to falando de todos os homens -, em ser rude em muitos momentos, entendeu?! Em não ter coração, em não querer mais chorar, em não querer mais*

*expressar seus sentimentos, não quer ser mais mulherzinha, quer ser homenzinho. (sic)*

**Lis:** *E se dar mais liberdade também. Se os homens podem, por que é que nós não podemos?*

A mudança no comportamento feminino é algo perceptível a todos, entretanto a explicação para tal mudança ainda não é muito clara. Diversos fatores influenciaram para tal movimento, o contexto (dadas as injustiças), o desejo de mudança da mulher, etc. A disputa de poder entre estes sexos, talvez, seja o principal motivo. É ela quem move a mudança. Se homem pode fazer, ter, agir, ou ser de determinada maneira; é de se esperar que a mulher também queira.

Segundo a apresentadora, as mulheres não evoluíram naturalmente a tal ponto, mas sim, passaram a copiar o comportamento masculino. Esse é um ponto de vista que talvez possa ter fundamento, mas esse comportamento fora copiado de maneira natural e não artificial. Não é um movimento forçado. É um movimento natural. A castração quer se transformar em liberdade. Uma liberdade sem fronteira, sem limites, assim como o homem a tem. Liberdade para trair, se for o desejo delas, sem ser julgada por isso. Liberdade para ser insensível, rude; como os homens caricaturalmente são.

A exemplo do sexo, a mulher hoje tem uma visão muito diferente de relacionamento. Segundo Giddens (1993), “A sexualidade emergiu como uma forte preocupação, necessitando de soluções, mulheres que almejavam prazer sexual eram definitivamente anormais”. Mas com a luta e busca pela igualdade entre os sexos, hoje em dia as “mulheres esperam tanto receber quanto proporcionar prazer sexual, e muitas começam a considerar uma vida sexual compensadora como um requisito chave para um casamento satisfatório”. (GIDDENS, 1993)

#### **Aí Vêm Elas – 12/12/08 – Tema: Desejo sexual e amor – coisas diferentes.**

**Luana:** *Falar sobre sexo, tesão, eu acho que é um assunto muito importante e sério. Porque é um problema em inúmeros casamentos.*

**Rita:** *Claro.*

**Luana:** *Tanto para o homem – porque quando a gente faz uma pergunta assim, botando no feminino, é porque somos mulheres,*

*mas sempre precisamos deixar claro que vale também para o homem, né, no caso contrário.*

Através da fala de Luana Montargil, percebe-se que ela e as demais apresentadoras se colocam de forma pessoal no debate. Elas assumem suas identidades femininas e inclusive as usam para expor os temas dos programas. Ou seja, o tema é lançado a partir do ponto vista delas, do lado feminino, de acordo com as representações delas. A partir da história delas como mulheres, da interação e da consciência que cada uma possui sobre si e sobre as relações sociais que desenvolvem com os demais grupos é que elas constroem suas identidades.

## 5. ANÁLISE DA PROPOSTA ÉTICA DO PROGRAMA:

Esta parte do trabalho consiste em realizar uma análise ética do programa. Através de um levantamento de tudo que é valorizado e de tudo que é menosprezado no programa, será realizada uma espécie de radiografia da proposta ética. Este estudo possibilitará encontrar respostas para as perguntas que ainda não foram respondidas: O que é valorizado no comportamento feminino segundo as apresentadoras? Qual a representação que elas têm do que é ser mulher?

Luana		Rita		Lis	
Valorizado	Não-valorizado	Valorizado	Não-Valorizado	Valorizado	Não-valorizado
Formação profissional		Formação profissional		Formação profissional	
	Falta de atitude				Falta de atitude
			Drogas		
		Independência	Dependência	Independência	
Cultura baiana		Cultura baiana		Cultura baiana	
			Cafajeste		
Aparência física		Aparência física		Aparência física	
	Preconceito		Preconceito		Preconceito
Inteligência		Inteligência		Inteligência	
			Pegador		
		Insensibilidade		Insensibilidade	
	Desilusão				Desilusão
Determinada		Determinada		Determinada	
	Desmotivação		Desmotivação		Desmotivação
Solidariedade		Solidariedade		Solidariedade	
Amor		Amor		Amor	
Sexo		Sexo		Sexo	
	Conformismo		Conformismo		
Convicção		Convicção			
Tesão		Tesão		Tesão	
			Desilusão		
	Resguardo	Resguardo			Resguardo
	Manutenção casamento pela religião		Manutenção casamento pela religião		
	Mulherzinha		Mulherzinha		Mulherzinha
	Homenzinho		Homenzinho		Homenzinho
Auto-estima		Auto-estima		Auto-estima	
			Ser rude		
Ser fiel aos ideais					Ser fiel aos ideais
Fidelidade	Traição	Fidelidade sentimental	Fidelidade sexual	Fidelidade	Traição

Bens Materiais		Bens Materiais		Bens Materiais	
	Vingança		Vingança		Vingança
Casamento			Casamento	Casamento	
Igualdade profissional		Igualdade profissional		Igualdade profissional	
		Homem – praticidade, pragmatismo.			
	Machismo		Machismo		Machismo
	Drogas		Drogas		Drogas
Prazer		Prazer		Prazer	
Paz		Paz		Paz	
Esperança		Esperança		Esperança	
Maturidade		Maturidade		Maturidade	
Um pouco de ciúmes			Ciúmes		Um pouco de ciúmes
Possessividade			Possessividade		
Filhos			Filhos		Filhos
Família			Família		Família
hedonismo		hedonismo			hedonismo

\*Os termos destacados acima correspondem não a todos os valores éticos citados, mas aos mais recorrentes e mais representativos para a análise proposta.

A tão falada ética quer ser praticada por todos. Todos querem ser éticos em suas relações pessoais, em seu trabalho, e em suas relações sociais, como cidadãos. Entretanto a análise dos valores recolhidos não mostra algo tão ético assim para os moldes mais tradicionais da sociedade brasileira.

O programa é um programa de opinião, livre, a figura de apresentadora de programa se mistura com a figura de mãe, esposa, filha ou companheira. As opiniões são, portanto de pessoas; e, como pessoas, todas elas estão submetidas ao “erro”. O hedonismo, o tesão, o prazer sexual, e os bens matérias são citados como valores no programa.

Estes não são valores tradicionalmente éticos. Entretanto está profundamente difundido entre a sociedade. Os valores não são fixos. São mutáveis. Ora, se você for falar a uma adolescente de dezessete anos que sentir prazer não é certo, ela simplesmente rirá da sua cara.

Talvez muitos pensem que este fenômeno se trata de uma degradação dos valores éticos. Segundo Aguiar (1996), a maioria das mudanças de comportamento observadas nos últimos estão relacionadas à sexualidade e a certos ‘contratos sociais’.

Aguiar (1996) cita que aqui no Brasil, a aceitação e/ou discussão em torno de certos temas como o homossexualismo, o divórcio, as relações extraconjugais, o

aborto e a eutanásia, são alguns dos exemplos de mudança de comportamento frente a temas, antes considerados como tabus na maioria das culturas.

No Brasil, temas que antes eram verdadeiros tabus hoje estão no palco da discussão, como o aborto, o homossexualismo e até mesmo a eutanásia. Para Aguiar, isso não representa a degradação dos valores éticos. Apesar de muitos ainda acharem que nossas condutas devam ser regidas por normas e dogmas imutáveis e eternos, como os religiosos.

Para ele a concepção do que é ético ou não deve ser regida pelos fins da ação. Assim, se ela for para o bem, para a felicidade, ela pode ser considerada ética. A “degradação dos valores éticos” seria justamente o contrário, tudo que impedisse o homem de ser feliz.

Ainda de acordo com Agiar (1996) é contraditório tentar entender que as pessoas são contra ao aborto, ao passo que centenas de mulheres morrem em clínicas clandestinas, vítimas de precariedade dos serviços disponíveis. É contraditório também dar a um embrião uma maior importância no código moral que a um homossexual, ou a um bandido, já que ambos são banalmente condenados à morte.

Sendo assim, em meio a todas as contradições comuns ao dia-a-dia, na família, na escola, no trabalho, na igreja, ou onde quer que seja; a valorização das apresentadoras não foge do que temos como exemplos vivos da sociedade atual.

A grande maioria das pessoas hoje valorizam sim o dinheiro e os bens materiais, querem ganhar bem, comprar uma boa casa, ocupar um bom cargo, ter direito à algumas regalias, à viagens, ao lazer, etc. Este fato não parece mais nos dias atuais ser considerado como anti-ético ou degrativo, como um dia fora.

Assim, sentir tesão, prazer, desejo, ainda mais por parte das mulheres, já deixou de ser considerado patológico ou condenável. Segundo Giddens (1993), a revolução sexual começou desde os fins do século XX, e desde então muitos pensadores têm se dedicado a estes estudos, antes rejeitados.

No século XIX quando a sexualidade foi reconhecida, ela foi imediatamente reprimida. Durante décadas ela foi a causadora de muitas preocupações, especialmente com as mulheres. Nessa época, segundo ele, as mulheres que desejavam o prazer sexual eram consideradas anormais, e tratadas patologicamente como histericas.

É claro que, de lá pra cá muita coisa mudou. A revolução sexual abriu espaço para muitos avanços. Assim, para a sociedade atual é extremamente aceitável que as mulheres queiram buscar o prazer sexual. Ele deixou de ser apenas propriedade masculina. Hoje as mulheres fazem questão de se satisfazerem sexualmente também. É a democracia sexual. “As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenômeno”. (GIDDENS, 19993)

Uma coisa é a não popularização e banalização do sexo. Outra, completamente diferente é a condeação. Nada mais justo que entidades específicas supervisionem as mídias e regulem a exibição de seus programas quanto ao conteúdo, visto que crianças não devam assistir a qualquer conteúdo. Cenas de violência, bem como de sexo explícito são proibidas em determinados horários sob a denominação de ‘regulação dos valores éticos e sociais’.

Essa sociedade é mesmo contraditória. Que não é indicado cenas de sexo explícito serem vinculadas nas televisões sem quaisquer restrições quase todos concordam. Mas isso está infringindo os valores éticos, ou a educação e a maturidade das crianças? A sociedade ainda hoje usa termos pejorativos para coisas que parecem já estar resolvidas.

A questão da sexualidade, por exemplo, muitos pensam que já está resolvida desde a revolução sexual, da luta das mulheres pelo direito ao prazer. Mas no momento em que a repressão ao sexo é feita sob a alegação de ‘regulação dos valores éticos’ é como se a sociedade estivesse negando tudo aquilo novamente. Tudo aquilo que ela já havia entendido e mudado.

Sobre a religião as apresentadoras têm opiniões que hora convergem e hora divergem. Sobre continuar um casamento infeliz onde já não existe mais amor, desejo, respeito ou admiração por conta de dogmas religiosos, ambas concordam que é errado. Quando a relação já está mais agradável para as partes, o melhor a fazer é mesmo se separar.

Mas quando o assunto é ‘resguardo’ as opiniões se dividem. Luana Montargil, por exemplo, que é católica questiona a necessidade de se fazer o resguardo. Rita Batista, adepta ao Camdomblé, justifica dizendo que você não é obrigado a cumprir o resguardo. Entretanto, caso não seja cumprido, segundo ela: “vai ter que acertar suas contas com os Orixás”. E Luana volta a argumentar dizendo que os Orixás iam é ficar felizes com o amor. Apesar de não manifestar sua opinião de forma mais

enfática, Lis Grassi (que não é declaradamente adepta a nenhum tipo de religião) se mostra conta o resguardo, concordando a visão de Luana Montargil.

Ao passo que a sociedade muda em um ritmo relativamente acelerado, a igreja não acompanha essas mudanças. A Igreja Católica, por exemplo, ainda hoje valoriza a virgindade feminina (como toda entidade machista, logicamente ela nem se manifesta sobre a virgindade masculina), condena o uso de camisinha e dos métodos contraceptivos, a separação, o homossexualismo, dentre outras coisas que são extremamente usuais na sociedade atual.

A ética de hoje não é mais a de outrora. A consequência disso é a perda de fiéis, ou mesmo a irrelevância dada a estas questões por muitos fiéis. Claro que muitos continuam a acreditar e a seguir piamente todos os mandamentos da Igreja. Como alguns casos já vistos de pais Testemunhas de Jeová, que não autorizam a transfusão de sangue e deixam o filho morrer porque a religião é contra.

## **6. CONCEPÇÃO DE FEMININO**

A quarta, e última parte deste trabalho reside em estabelecer uma concepção de feminino e de masculino construída pelas apresentadoras, ou seja, a prestação social da mulher e do homem.

Com base nos valores adotados na tabela anterior (ver páginas 38 e 39) será construído e estabelecido a concepção individual das apresentadoras.

Como o programa é composto por três apresentadoras já apresentadas anteriormente, é de se esperar diante do perfil de cada uma (também explicitado anteriormente) que as construções dessas representações também possam vir a ser diferentes.

### **Luana Montargil**

Diante dos valores adotados por Luana Montargil, ela tem a visão de que ser é mulher é ser inteligente, ter estudo, ser competitiva, ter direitos iguais, ter cultura, é ser bonita, atraente, determinada, solidária, convicta. É ter desejos, sentir tesão, prazer, gostar de sexo, ter apego abens materiais. É querer casar, ser mãe, ter esperança, maturidade. É sentir ciúmes, ser possessiva, é ser fiel (ao seu parceiro ou não, mas ser fiel ao seus ideais). É amar sua família e seus filhos.

Ou seja, é uma construção do que a maioria das mulheres, ou seres humanos normais não são. A maioria das características citadas é de se admirar, entretando é quase impossível vivê-las em prática. A mulher que ela idealiza aí não é uma mulher real, não corresponde ao padrão de mulher brasileira. É uma construção do imaginário (talvez do desejo). A representação que Luana tem da mulher portanto é de uma 'super' mulher, que ama sua família, seu marido, sua profissão, e é boa em tudo o que faz – politicamente correta.

Os valores negados são em sua maioria os não-éticos. A mulher (bem como o homem) não deve ser preconceituosa, se envolver com drogas, nem ser vingativa. Não deve trair (ao menos que esteja convicta da sua escolha), não deve prolongar o seu casamento caso não esteja mais satisfeita nem feliz. A mulher não deve ser uma mera cópia do ser masculino, um 'homenzinho', deve sim ser feminina, segunda ela. Mas não aquela 'mulherzinha', dona de casa; ela deve ser uma mulher, mas dos dias atuais. Do contrário não haveria divisão de gênero. A mulher não pode faltar atitude

### **Rita Batista**

Já a visão de Rita Batista sobre as mulheres se assemelha um pouco, mas possui algumas diferenças. A princípio é interessante notar que Rita possui duas concepções distintas a respeito da mulher. Uma é uma representação mais genérica, da maioria das mulheres, e outra é a concepção dela como mulher, que é um pouco singular, pois ao seu ver poucas pessoas pensam como ela em alguns aspectos.

A diferença básica da mulher de Luana para a mulher de Rita é construída com base em princípios muito arraigados que ela possui. Para Rita as mulheres são complicadas, difíceis e problemáticas por natureza. São incoerentes e confusas, não são práticas e pragmáticas como os homens são. Por isso ela varoliza tanto o masculino, resolvido, simples, prático, sem complicações.

Já a concepção mais singular que ela carrega diz respeito a outro tipo de mulher. Mais moderna, não moderna como as mulheres modernas de hoje, que estão ficando mais parecidas com os homens, é mais moderna que isso. Quase a frente do seu tempo. Mais moderna que os homens, causando inclusive o espanto de muitos deles. O principal elemento dessa distinção diz respeito à fidelidade. Ela não acredita nessa fidelidade clássica. Segundo Rita, a única fidelidade que lhe interessa é a fidelidade dos sentimentos. Sendo assim numa relação de namoro por

exemplo, o seu parceiro é livre para manter relações sexuais com ele quiser quando não estiver com ela, contanto que ele continue amando exclusivamente ela. “A vida sexual do meu parceiro não me interessa. Só me interessa quando tá comigo. Agora, quando tá na rua, quando sai, quando foi, quando andou, por mim, não tô nem aí.”(sic) (BATISTA, Rita. *Aí Vêm Elas*. 10/12/2008)

Os valores negados por Rita também se assemelham bastante com os de Luana. Mas, mais uma vez existem algumas discordâncias importantes. Assim como despreza a fidelidade sexual, Rita também despreza o ciúme e os vínculos familiares com o parceiro. Ela fala brincando no programa que se interessa por homens órfãos, para não ter nem sogro, nem sogra, nem enteados, nem cunhados, etc. O radicalismo é apenas uma brincadeira, mas ela realmente sente dificuldades em manter relações desse grau. Partindo desse princípio da dificuldade de se relacionar em família, (segundo ela é por falta de vocação e de paciência) Rita contraria também a visão clássica da mulher, e se nega a ter filhos.

A essa visão singular e um tanto pessoal que Rita Batista possui da mulher é de certo modo uma visão aproximada ao modelo masculino. Como ela mesma admira e tece elogios ao homens, é de se esperar que ela concorde com eles, e por isso pense como eles em alguns aspectos, por isso tantas semelhanças.

### **Lis Grassi**

A representação de Lis Grassi a grosso modo se assemelha a das demais apresentadoras. A maioria das qualidades citadas, também são reforçadas por ela. Entretanto Lis, pela idade, pelo estilo de vida, por ser de uma outra geração, tem uma visão mais singular da mulher. Como a maioria das meninas da sua geração a representação que Lis Grassi tem da mulher é de uma mulher moderna (moderna dos dias atuais), independente – em todos os sentidos: financeiramente, emocionalmente, profissionalmente, evoluída, confiante, livre, determinada. Mas como ‘toda mulher’ é também sensível, bonita, atraente, valoriza suas amizades, quer sentir prazer, quer ser feliz e casar e constituir família.

Os não valores são basicamente os mesmos. Apesar de saber que ciúmes não é sempre muito bom, Lis acha que é indispensável e inerente a mulher sentir ciúmes, mas nada que seja doentil. A mulher deve ser acima de tudo independente, a dependência é para ela uma das piores coisas que se pode acontecer. Além disso,

mesmo que a vida pareça estar demonstrando o contrário, para Lis a mulher deve sempre ter esperanças de alcançar seus objetivos e sua felicidade.

A representação de mulher para Lis é a mulher moderna. A mulher que é mãe, que é esposa, que trabalha fora, mas que é livre – como todas mulheres desejam ser. Essa representação, talvez até inconscientemente, traz muito mais do que se pensa da carga pessoal, é quase a revelação de desejos íntimos. A mulher para ela é tudo aquilo que ela é, ou ainda deseja ser; e o principal elemento no seu caso é a liberdade. Ainda não totalmente alcançada por ela, já que ainda vive com a mãe e sob as rédeas dela, ainda é dependente sob muitos aspectos, e em especial o financeiro.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das referências teóricas abordadas, das análises realizadas envolvendo o conhecimento do programa como um todo, sua dinâmica de funcionamento, seu contexto, etc; bem como o perfil das apresentadoras, a participação dos ouvintes e finalmente a análise da proposta ética do programa e a representação da mulher por cada apresentadora; foi possível chegar a algumas conclusões que em parte reafirmam as hipóteses iniciais.

Apesar de ser um programa de entretenimento, popular, sem nenhum cunho político ou cultural, a análise da proposta ética do programa surpreendeu. Surpreendeu da seguinte forma: não era esperado que as apresentadoras estivessem mais ou menos no padrão ético da sociedade. Essa é uma questão um pouco ambígua talvez, na verdade elas não estavam mesmo; mas não estavam segundo os padrões tradicionais da ética brasileira, que já deveriam ter caído por água abaixo.

As apresentadoras, como corpo fundamental do programa, conseguiram mostrar consistência em suas falas – elas carregam valores que acreditam. Valores de um mundo moderno, da “igualdade feminina”, da “liberdade sexual”, do trabalho feminino, da luta contra o preconceito, da luta pelo trabalho, pelo respeito, da confiança, da traição, da independência.

Apesar de o resultado apontar três representações distintas de mulheres percebe-se que elas também se assemelham entre si. Assemelham-se em um ponto fundamental: no progresso e na liberdade feminina. Giddens no século passado já sabia muito mais sobre as mulheres modernas do que muitos homens nos dias de hoje. Ele advertia que os homens precisavam romper com a idéia de que as mulheres com quem eles se envolvem devam ser passivas e apaixonadas, segundo ele, devem esperar mulheres independentes.

Voltando a Saussure e a Hall (2000), apesar da tentativa de se estabelecer um significado preciso e fechado a “mulher”, inúmeras representações são possíveis como foi visto acima. O *significado* de *mulher*, nunca consegue tornar-se algo rigorosamente fechado; justamente porque a diferença – *a identidade feminina* - o perturba.

Supostamente aceitas pela sociedade com todos os seus avanços e modernidades, cada mulher sabe dentro de si o que é ou o que não bem visto na sociedade, ou por uma parcela dela. Algumas preferem pagar esse preço e se arriscar, enfrentar as dificuldades e os preconceitos; como as motoristas de ônibus, ou as ajudantes de obras. Normalmente elas precisam passar por mais dificuldades do que qualquer homem, pois então supostamente “invadindo” um terreno que lhes pertence.

No programa vemos ouvintes de todos os tipos, dos mais conservadores, aos mais liberais, dos mais conscientes aos mais limitados. Há homens, é claro, que aceitam bem o fato das mulheres estarem lutando pelos seus direitos e exigindo igualdades e reparações. Há gente (homens e mulheres também) que apóia hipocritamente tais avanços, mas que na realidade não conseguem enxergar a profundidade das coisas. Continuam a ver “com maus olhos” uma mulher desquitada, ou acham normal a traição masculina e apedrejam uma mulher que comete adultério.

O ato da traição, por exemplo, é um ato tortuoso; entretanto ambos os sexos estão sujeitos ao erro, aos desvios, aos acertos, ao prazer, ou a liberdade. Em tese todo mundo parece concordar com esta idéia, entretanto na hora de pôr em prática, de respeitar as diferenças, é que é difícil.

Os homens e as mulheres são antes de tudo semelhantes entre si. Entretanto a história da diferença entre eles não foi bem construída. Por uma diferença anatômica entre os sexos foi construído um enorme abismo, que distanciam e segregam o homem da mulher.

A construção cultural dos modelos masculino e feminino não possui lógica. Como pré-determinar as características de alguém que ainda nem se desenvolveu? Como saber se a criança que acaba de nascer irá preferir azul, somente por ter nascido menino? Como esperar que a menina que acaba de nascer seja meiga, sensível, bondosa, delicada e submissa ao seu esposo? Estas são características que devem ser construídas através da personalidade de cada um, da sua identidade, da sua trajetória, da sua cultura, por seus gostos e escolhas. É claro que impossível livrar-se de toda carga de influência, afinal, estamos constante sobre a influência de pessoas, da mídia, de acontecimentos, etc.

Homens e mulheres são diferentes entre si – não há dúvidas quanto a isso. Entretanto não podemos determinar, influenciar ou agir sobre essas diferenças.

Cada um deverá escolher livremente o caminho a seguir, os comportamentos, valores e crenças a adotar. A largada já foi dada, e o avanço já foi grande, só não se pode parar.

## 8. REFERÊNCIAS

ARRUDA, Angela. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Cadernos de Pesquisa, nº117. São Paulo, Nov. 2002. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 07 mar. 2009.

DIAS, Maria Rosália . **Ensaio sobre Identidade e Gênero**. In: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. (org) Salvador: Helvécia. UFBA. Programa de Pós-Graduação em Educação. GEFIGE – Grupo de Estudos em Filosofia, Gênero e Educação. (2003)

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. 4 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

ESTEVES, João Pissarra. **Mídias e processos socioculturais**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2000.

FILHO, Orlando Brunet. **Representação Social e Simbolismo: Contribuições à Sociologia Brasileira**. Disponível em: <<http://orlandobrunet.wordpress.com>>. Acesso em 21 fev. 2009

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas/** Anthony Giddens; tradução de Magda Lopes – são Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade/** Stuart Hall: tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Nascimento e morte do sujeito moderno**. In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T.da Silva e Guaracira L.Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. Editora, 2000.

JORNAL da Cidade. Disponível em: <[www.jornalcidade.uol.com.br](http://www.jornalcidade.uol.com.br)>. Acesso em 06 mar. 2009

MORGADO, Alessandra et al. **Soldadinhos-de-chumbo e bonecas: representações sociais do masculino e feminino em jornais de empresas.** Revista de Administração Contemporânea, vol.1, nº2; Curitiba. Abr/Jun, 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br>>. Acesso 02 mar. 2009

RÁDIO Metrôpole. Disponível em: [www.radiomatropole.com](http://www.radiomatropole.com). Acesso em 20 nov. 2008

RIAL, Carmen et al. **Relações sociais de sexo e relações de gênero: entrevista com Michèle Ferrand.** – Revista Estudos Feministas, vol.13 nº3, Florianópolis Set./Dez. 2005. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 17 fev. 2009

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. **Gênero e comunicação: o masculino e o feminino em programas populares de rádio.** / São Paulo: Annablume, 2004.

TORRES, Cláudia Regina Vaz. **Ensaio sobre Identidade e Gênero.** In: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. (org) Salvador: Helvécia. UFBA. Programa de Pós-Graduação em Educação. GEFIGE – Grupo de Estudos em Filosofia, Gênero e Educação. (2003)

## 9. ANEXO

Transcrição do Programa “Aí Vêm Elas”, da Rádio Metr pole, do dia 16 de Dezembro de 2008.

**Locu o de Abertura (Marcão<sup>i</sup>):** “Aí vêm elas – onde grandes amigas se encontram. Aí vêm elas – conversa séria e gostosa de mulher sobre emo es, decep es, fetiches, caminhos, op es e vitórias. Aí vêm elas – Trazendo muito mais vida ao seu dia-a-dia. Aí vêm elas – Na metr pole, com a força e a magia que só as mulheres têm.”

**Rita<sup>ii</sup>:** Al ! Começando o Aí Vêm Elas de hoje! Marcão, boa tarde! Luana Montargil!

**Luana<sup>iii</sup>:** Boa tarde. Muito boa tarde a todos vocês.

**Rita:** E boa tarde a Lis Grassi, agora uma pessoa formada.

**Lis<sup>iv</sup>:** Boa tarde a todos.

**Rita:** Venha c , menino...  ...

**Luana:** Pode acreditar, está acontecendo. Lis Grassi está formada.

**Rita:**  ...

**Lis:** O que já era de se esperar.

**Rita:** Já era de se esperar?

**Lis:** Já, claro.

**Rita:** E ela forma num dia e fica mais loira no outro dia. Não entendi essa...

**Luana:** Você já ouviu falar uma coisa, de a pessoa ser jubilada, às vezes?

**Lis:** Já.

**Luana:** Não foi isso que aconteceu!

**Rita:** Olhe, ontem Lis estava, me contaram na reda o. Lis foi pro ensaio do Cortejo Afro. E aí, um dos convidados era Armandinho. Filho de Armandinho Dod  e Osmar, criador do trio elétrico, criador disso tudo que a gente vê aqui, n ?!

**Lis:** Mas eu tenho minha defesa.

**Rita:** Filho de Armandinho Dod  e Osmar, o que! Filho de Osmar Macedo.

**Luana:** Era isso que eu ia perguntar. Meu Deus do céu, agora eu fiquei tão preocupada.   de Dod  ou   de Osmar? Que eu saiba   de Osmar.

**Rita:** Filho de Osmar! Filho de Osmar Macedo.

**Luana:** Igual a Sandy e Junior.

**Lis:** Não foi bem assim. Antes de começar eu já vou falando.

**Rita:** *Eu posso falar?*

**Lis:** *Pode.*

**Rita:** *Foi assim sim. Porque há testemunha. Há duas testemunhas.*

**Lis:** *Duas testemunhas falsas.*

**Rita:** *Aí, minha filha, diz que ela tava lá no ensaio do Cortejo Afro. E aí Armandinho era o convidado, né e tal. Aí ela chegou assim: “Aí, que bom Armandinho.” Aí que as duas pessoas que tavam com ela ficaram assim: “Lis gosta né? De Armandinho... Que massa e tal”. Aí que ela começou a cantar: “Quando Deus te desenhou, ele tava namorando...”*

**Luana:** *Ah, eu não acredito, Rita. Pensando que era aquele outro Armandinho?!*

**Rita:** *Aí as meninas, olhe, olhe!*

**Lis:** *Não, acabou aí.*

**Rita:** *Aí as meninas...*

**Lis:** *Não teve essa outra parte não.*

**Rita:** *Epa! Eu to falando por obséquio, depois você se defende. Aí as meninas começaram a conversar assim, né?! “Oxente Lis, não é esse Armandinho não. É Armandinho nosso daqui, filho de Osmar Macedo, de Armandinho Dodô e Osmar...”*

**Luana:** *Muito melhor inclusive...*

**Rita:** *Aí ela chegou assim: “Ahhh, tá... eu não sei quem é Armandinho não. Aí: “Lis, você não gosta de carnaval, Lis? Como é que você não sabe quem é Armandinho?” “Ah, não sei quem é ele não. Cadê ele?” E Armandinho lá no palco.*

**Lis:** *Agora vamos a verdade. Armandinho é o convidado. Aí Lis: “Ah, quando Deus te desenhou, ele tava namorando.” E aí depois: Lis, não é esse Armandinho não. Aí eu: Que Armandinho? Que Armandinho é então? Aí falaram: Armandinho de Dodô e Osmar. Aí eu: Ahhh, Armandinho. Não teve essa parte: Não sei, não conheço. Nunca vi.*

**Rita:** *Rapaz, teve.*

**Lis:** *Teve não. Eu juro que não teve.*

**Rita:** *Teeeeve!*

**Lis:** *Quando eu dou meus ‘foras’ eu entrego.*

**Luana:** *Lis, por favor, deixa eu defender as loiras. Tem tanta loira nos nossos ouvintes. Esse negócio de loira, que brinco aqui às vezes. Eu sou loira, eu mesmo brinco, levanto. Mas Lis, assim eu não vou poder brincar, Lis. E não vou poder defender as loiras. Eu vou ter que entrar no bolo, porque eu também sou.*

**Rita:** Olhe, eu dei risada, meninas, dessa história. Estava esperando o 'Aí Vêm Elas' começar pra gente falar sobre esse assunto. Porque Lis é muito despachada.

**Lis:** As meninas já gostam, aí aumentam, pra virar piada.

**Rita:** Rum!

**Luana:** Já virou. Porque realmente foi demais pra minha cabeça. Vamo chamar Armandinho aqui no programa?

**Rita:** Vamo! Pra ela conhcer.

**Luana:** Vamo chamar Armandinho?

**Rita:** Pronto!

**Luana:** Ah, eu topo! Lis, bote aí na pauta, eu vou chamar Armandinho.

**Rita:** Armandinho, Luís Caldas...

**Luana:** Luís Caldas que é ótimo de conversa inclusive.

**Lis:** Qual é o Armandinho?

**Rita:** Qual é o Armandinho?

**Lis:** Tô brincando. [risos]

**Luana:** Ah, sim. Aí ele vai inclusive lhe dizer, vai se apresentar pra você, vai contar um pouco da história musical dele, da importante história musical pra Bahia, e pra música baiana.

**Lis:** Eu sei já, rapaz.

**Rita:** Venha cá, você pinta o cabelo e não pinta a sobrancelha por quê?

**Lis:** Porque não tem como enganar não, a raiz vai aparecer.

**Rita:** Mais clarinho um pouquinho, Luana! Ta muito preto essa sobrancelha pro cabelo loiro. Olha, hoje a gente vai falar de uma coisa séria assim, sabe?! Que é dependência emocional. Tem um texto de Bárbara Gancia, que é colunista da folha de São Paulo, que Malu [Malu Fontes] me mostrou, na semana passada. Malu tava aqui na sexta, né?! E a gente tava conversando sobre essas coisas.

**Luana:** Essa sexta ela não vai ta aqui não.

**Rita:** Então foi isso. Ela tava nessa sexta agora. Nessa sexta que passou. E a gente tava conversando sobre essa história, né?! Das mulheres mais velhas com homens mais novos que aprontam. Não das mulheres mais velhas com homens mais novos, né, da boa, de paz, ok, amor, sexo, ou seja lá o que for. Porque esse negócio do bombeiro de, de, como é o nome dela? Suzana Vieira. Que morreu de overdose, aquela coisa estranha, aquela confusão toda que ele fez. Um homem problemático,

*né?! E ela sabia disso porque Suzana Vieira tem sessenta anos, velho! Não é mais menina.*

**Luana:** *Não, né não.*

**Rita:** *Tá ligada, tá ligada em tudo. Então, o que é que uma pessoa quer, uma pessoa madura, vivida e tal, quer com um homem que tem todos esse problemas; problemas estruturais e conjunturais, e que ela sabe que vai dar confusão. Deu confusão uma vez, então bem provavelmente vai dar de novo. Porque ele é uma pessoa que entrava e saía de clínicas de dependência. Não to falando porque ele é homem cafajeste, pegador, nem nada disso não. Então a gente começou a conversar sobre isso assim depois que a gente saiu daqui, e a gente tava falando das dependências todas que existem numa relação e que acho que a mais grave é a dependência emocional. Que às vezes você, não é Luana?! Luana tava dizendo antes de começar o programa, às vezes você nem ama mesmo a pessoa.*

**Luana:** *Às vezes odeia. Já ta numa fase que você não quer ver mais, mas acho que é maior. Quando eu estava lendo sobre o tema hoje pra gente discutir aqui no 'Aí Vêm elas', é uma patologia. O termo dependência emocional é uma patologia, precisa de tratamento sério, né?! E eu concordo plenamente, porque eu conheci um caso assim, Rita, parecido com esse que a gente tava discutindo aqui. Que uma mulher que você vê que não ama mais, e ela dizia que não amava mais, né?! E que ela sofria com aquilo, sofria com aquele casamento, sofria com aquela relação, mas ela não sabia explicar o que é que ligava ela ao companheiro, né?! E ela disse que não sabia, ela não sabia se ver, né?! Numa sociedade sozinha sem ta casada com ele. Ela dependia dele pra tudo. Principalmente, tinha o lado financeiro, eu acho que isso pesa, eu acho que muito na relação, quando a relação chega a esse ponto eu acho que o financeiro pesa. Mas o emocional às vezes fala inclusive mais alto, porque é um negócio que precisa de tratamento. E a gente quer discutir aqui pessoas que, que convivem com essa situação, ou que conhecem pessoas, ou que já conviveram, ou que passaram por isso. Porque eu acho que a gente pode até tratar vários tipos de dependência, essa aqui é uma patologia, como aquela dependência que a pessoa fica na dúvida, sem saber, né?! A auto-estima ta lá embaixo, aí ta sem querer sair da relação achando que vai ficar sozinha pro resto da vida, que todos os homens são iguais – porque tem essa desculpa, né?! Pra que eu vou largar ele, esse traste, porque se todos os homens são iguais eu vou trocar de problema? É melhor eu ficar com esse traste dentro de casa mesmo. Eu acho essa*

*justificativa lamentável, viu?! Eu fico com pena, essa é a palavra, quando eu ouço, quando eu ouço uma mulher falando isso.*

**Lis:** *Agora eu acho que a dependência emocional está ligada a outras questões porque, na minha opinião a maioria das pessoas que tem essa dependência não tem só por ter, “dependo dele porque amo” ou não. Normalmente as pessoas estão passando por outros problemas, de família, pessoais, de trabalho, de, sei lá, de amizade, e aí, deposita todos os sentimentos, toda atenção neste companheiro, nesta pessoa, digamos assim. E aí, vai depender disso pra tudo. Um “ai” que aconteça em qualquer outro setor, em qualquer outro – como é que eu falo?*

**Rita:** *É o que, menina?*

**Lis:** *Em qualquer outro sentido vai resultar na dependência, na maior dependência.*

**Rita:** *Olhe, tem um trecho aqui do texto de Bárbara Gansia, da Folha de São Paulo, do dia 12, sexta-feira passada: “O que as maduras querem”. Aí tem um momento aqui que ela fala o seguinte, ó: Vamos e venhamos, o que Suzana Vieira e outras mulheres maduras como ela procuram? O que a atriz estava querendo quando se casou com um rapagão enxuto, dependente de drogas e 28 anos mais jovem do que ela? Amor eterno? Estabilidade conjugal? Um bezerrinho pra chamar de seu? A metáfora sobre a alcatra e a picanha” – porque ele disse, ele deu essa declaração de que era melhor, muito melhor, comer alcatra, que é a menina com quem ele tava, ali, dormia em paz; do que ficar comendo picanha e morrendo de indigestão, né?! Suzana Vieira. É, e aí Bárbara cita aqui: “A metáfora sobre a alcatra e a picanha utilizada por Marcelo Silva pode não ser digna de constar no livro de etiquetas de Marcelino de Carvalho, mas pulula de franqueza. Ou será que existe algum homem sarado na faixa dos trintinha que prefira uma picanha de 66 anos a uma alcatra de 27 - a idade da amante de Marcelo que acabou se tornando o pivô da separação?” Então sabe, são essas coisas que ela vai colocando aqui, sabe, levantando no texto, e que chama a gente pra reflexão desse tema também. Que é essa história, de que diabos é essa de dependências é essas que as mulheres estabelecem com seus parceiros mais jovens ou mais velhos, ou da mesma idade, que não conseguem romper esta relação que não tem mais nada. Absolutamente nada. O sexo já não é bom, a admiração não existe, o amor já ficou lá, né, nos idos dos anos 40 e 50, mas ela não consegue de jeito nenhum, mas ela não consegue de jeito nenhum se desvencilhar desse homem. E é isso que a gente tá querendo propor pra você hoje aqui. 3505-5000, é o número do telefone pra você participa 3505-5040, o nosso fax,*

e ainda a nossa página na Internet que é o [www.radiometropole.com.br](http://www.radiometropole.com.br). Luís Rocha tá dizendo um negócio, como é isso?!

**Luana:** É: “Meninas, por favor, chamem José Medrado!”. Avemaria, Luis, será um prazer José Medrado participar.

**Rita:** Ah tá, participar do ‘Aí Vêm Elas’, eu pensei que tinha alguma coisa à ver assim.

**Luana:** Não, não, é o ‘aí Vêm Elas’.

**Rita:** Ah, que susto.

**Luana:** Eu acho que é uma ótima pedida, vou convocá-lo. Mas o problema é que a vida de José Medrado é confusão. Porque ele sai aqui, ele sai correndo pra almoçar, e trabalhar, lá no tribunal. Aí é complicado. Mas eu vou tentar, vou tentar sim.

**Rita:** Ada, tem de tudo na linha 6. Já tirei o sofá daí, viu?! Só falta a geladeira.

**Ouvinte (Ada):** Meninas, eu me considero assim, a mulher mais felizarda do mundo por conseguir falar com vocês. Boa tarde, queridas!

**Todas:** Boa tarde, Ada.

**Ouvinte (Ada):** Boa tarde Abrão, ô é Marcão, não é?!

**Rita:** É.

**Ouvinte (Ada):** Minha gente, como eu to sem tempo, me diga, como é que está Mário?

**Rita:** Ele já foi pra casa, já recebe alta. Já tá bem melhor.

**Luana:** Na realidade, ele tá em repouso. Ele foi pra um lugar pra repousar, ele preferiu não ir pra casa mesmo, pra ter mais tranquilidade. Ele ainda não está podendo receber visitas, mas tá ótimo, graças a Deus.

**Ouvinte (Ada):** Ok, ok. Bom, é o seguinte eu to ligando também pra vocês fazerem uma gentileza. Chamar atenção dos meus clientes e amigos. Porque meu telefone tá com um probleminha, o da loja. Já liguei pra ‘Oi’ e não resolveu até agora. Mas eu continuo com a loja aberta, viu meu povo? Pelo amor de deus, hein?! Apareçam!

**Rita:** Tá bom, Ada. Um beijo pra você, querida. E tem um monte de recado aqui. Lorena.

**Lis:** “Oi Luana, Rita e Lis. Eu adoro o programa, ouço desde a segunda temporada. Pena que diminuiu o tempo, mas pensando bem, melhor assim, pois estudo mais. Hehehe. Até parece.” - Até parece foi ela mesmo que disse, viu?! – “Ah, to adorando Lis no programa. Por favor, mandem um beijo pra minha irmã chatinha, Carolina.” Beijo, Carolina, e beijos Lorena.

**Rita:** Beijo, Carolina, irmã de Lorena. Olha, André do trânsito informa que no sistema viário 2 de Julho, está totalmente congestionado. Trânsito informe aí o que é que ta acontecendo porque não era pra congestionar, né, assim teoricamente.

**Luana:** Será que não tem nenhum chefe de Estado saindo ou chegando?

**Rita:** É, tem isso. Tem a cúpula.

**Luana:** Eu acho que ta saindo exatamente por ali, né Rita?! No aeroporto. E eu acho que deve ter alguma relação. Mas o pessoal da redação vai informar direitinho pra gente.

**Rita:** Hoje a gente ta falando de dependência emocional. Você é dependente emocionalmente de alguém? Você que é mulher casada, ou foi casada com alguém que você era dependente emocionalmente. Você homem ou mulher também, já teve uma pessoa assim que não conseguia se desvencilhar de você. Por mais que essa relação tivesse fracassada, por mais que vocês tivessem terminado. Mas você também ficava. Por que ainda tem isso, né?! Porque o outro, o objeto dessa relação fica se sentindo meio que devedor ou devedora, né?! Aí se ele não tomar uma posição também ele fica o tempo todo alimentando essa coisa. É hoje, é amanhã, é depois, não, peraí, calma! Evitando o contato de choque, que eu acho que é o melhor que existe. Por exemplo, é ex, sabe que o ex ta ligado completamente a você ainda, e aí não consegue aparecer nos lugares que o ex vai com a atual ou o atual, entendeu?! Pra não magoar, pra não machucar, pra não espezinhar. Espezinha, machuca logo, porque eu acho que tratamento de choque é a melhor coisa.

**Luana:** Eu também acho. Isso aí eu concordo com você, ó que milagre!

**Lis:** É... eu discordo.

**Luana:** Eu concordo, acho que o tratamento de choque é aquela coisa de "Ah, peraí que eu vou atender os telefones dele". Eu acho que isso é pior, gente, pelo amor de Deus. Você ta fazendo a pessoa sofrer, ter um restinho de esperança que não existe mais.

**Rita:** Quem cura a fossa é amigo. Né eles não.

**Luana:** Eu também acho.

**Lis:** Ah, eu não acho não, discordo. Eu acho que tem que ir devagar.

**Luana:** Eu acho que tem que separar completamente. Agora você falou aí do objeto da dependência, não é?

**Rita:** Hum rum.

**Luana:** *É, eu tava assistindo, eu até comentei com você aqui, aquela 'Vale a pena ver de novo' que ta passando.*

**Rita:** *Aff, aquela mulher é louca!*

**Luana:** *Que tem aquela louca, Heloísa, né? E eu peguei exatamente essa parte.*

**Rita:** *Lu odeia Heloisa e eu odeio Cida, que ela ta fazendo Cida agora, né?! Na novela nova, na 'Favorita'. Odeio Cida, olhe, eu odeio Giulia Gan.*

**Luana:** *Não, e ela encarnou a personagem, e ela fez muito bem essa personagem da maluca.*

**Rita:** *Fez, fez.*

**Luana:** *Né?! Daquela mulher transtornada, apaixonada pela aquela coisa maravilhosa [referindo-se ao ator Marcelo Antony]*

**Rita:** *Mas venha cá, naquela época ela tava vivendo com Pedro Biau aquele pé de guerra também, né?! Eu acho que isso ajudou muito.*

**Lis:** *Foi, isso ajudou o personagem.*

**Luana:** *Será, gente?! Aí, e ela, e agora ele está voltando pra ela. Ela passou pela crise, teve aquela coisa do acidente de carro e tal. Mas ele ta voltando, fica claro que ele ta voltando por pena dela. E ele ainda diz assim 'É, eu amo.' Mas você não sente firmeza no que lê fala. Você vê que uma coisa de, de... é, ela quase morre...*

**Rita:** *Os sentimentos dele também ficam confusos.*

**Luana:** *Eu acho isso muito complicado. Essa pessoa que é o objeto dessa devoção, né, do parceiro. Eu acho que fica numa situação muito complicada. Aquela coisa que você, falou, né?! Sentimento de culpa, de querer ajudar, de ...*

**Rita:** *Mas não sabe como é que faz.*

**Luana:** *Mas não sabe, e tenta ajudar, mas acaba piorando. Porque se você der trela pra pessoa, aí que ela vai querer te amar, né?! Cada vez mais, como na cabeça dela elas pensam.*

**Rita:** *E aquele negócio: 'Vai ser diferente dessa vez, vai ser diferente. Olhe, isso é de matar! Olhe, como diz Soane, minha querida amiga e terapeuta, o negócio é o seguinte: não tenha pena dele; nem tenha pena dela. Cabou, acabou. Um abraço. Se você quer ainda, quer experimentar; aí você deixa a porta aberta, atenda os telefonemas, que é mais que faz, vai consolar, num sei o que. Agora se você não quer, meu filho, amém.*

**Luana:** Vamo sair pra jantar porque eu to sofrendo muito com a nossa separação. Aí vai sair pra jantar com seu companheiro. Aonde? Fazer igual a baiana: Aonde, gente?

**Lis:** Mas você falando aí, eu lembrei, eu tenho um caso, que é até atual, muito recente, de uma pessoa muito próxima a mim. Que ela tem um namorado, que é totalmente dependente dele. Não sei se ela o ama realmente. Porque os pais dela se separaram, a família entrou em crise, o irmão foi embora.

**Rita:** Ah, ela vá fazer terapia.

**Lis:** Enfim, ela está com ele, ele não é um namorado ideal. Ai, meu Deus, se ele tiver ouvindo. Ele já me odeia, porque eu já faço complô contra ele.

**Rita:** Olhe, Lis ta dizendo que você não é o namorado ideal pra amiga dela.

**Lis:** Não é, não é um namorado ideal. Ela sabe disso, entendeu?! Mas tá com ele porque depende dele. Ela tem que ter alguém pra ligar, pra tá junto.

**Rita:** Mas ele vai se cansar, velho. Se já não ta cansado.

**Lis:** É...

**Rita:** Vem cá, você é uma amiga, viu?!

**Lis:** Não, eu já disse pra ela, já disse na cara dela. Já disse na cara dele, já mandei ele sumir do mundo porque...

**Rita:** Não, mas o problema não é o menino, é ela. Ela que é maluca.

**Lis:** Eu sei, mas a gente já disse. Ela não consegue. Ela disse: "Liu, eu não consigo".

**Rita:** Mas essa menina precisa de ajuda, Lis.

**Lis:** Vamo arranjar um psicólogo.

**Luana:** Eu sou à favor de procurar a ajuda de um especialista.

**Rita:** Que amiga é essa?

**Lis:** Ó Rita, eu já falei tudo. Mas do que eu já falei. Eu não, eu e todas as amigas já falamos.

**Rita:** Marca a consulta e vai junto. Lis isso vai dar ... 'eme'.

**Luana:** Vai, vai dar problema. Eu também acho. Eu acho que tem muito à ver com a pessoa. O problema é sempre da pessoa, na minha cabeça. Porque eu acho que o outro, tudo bem, pode ser um sacana, pode fazer o que quiser, mas ela deixa que faça, né?! Então eu acho que o problema parte da pessoa. A sua auto-estima ta baixa, você acha que não vai encontrar mais ninguém, né?! Mas resolva primeiro o seu problema, que aí depois o outro vai resolver o dele sozinho. Mas sempre acha

que porque, quando tem um amigo, um irmão, um parente: “Ah, mas aquele cara”. Sempre bota a culpa no outro, você já percebeu?

**Rita:** É, exatamente.

**Luana:** Porque ele não presta, porque ele é um sacana, porque ele trai, porque ele é isso.

**Rita:** Não presta uma porra, ele ta segurando uma onda da família dela toda nele. Ele é um herói.

**Luana:** Eu acho que a gente, você tem que olhar no espelho e falar: ó, eu quero procurar a minha felicidade.

**Rita:** Ó, Grazi diz que o nome da personagem não é Cida, é Diva.

**Lis:** Ah, é, Diva.

**Luana:** É, porque eu acho essa novela chata, por isso que eu não consigo assistir.

**Rita:** Eu vi, porque ela é traficante de armas, né?!

**Luana:** É, eu já vi algumas partes, eu conheci a personagem. Inclusive numa revista dela falando do mal gosto, que ela se veste muito mal e tal. Deveriam mudar o figurino.

**Rita:** E ela é presidiária, foi presidiária, num sei que, é uma confusão aquela novela.

**Lis:** Mas voltando ao tema do, do...

**Rita:** O homem só sofre até o dia que ele quer.

**Lis:** Não, discordo.

**Rita:** Palavras de ‘A salvação’. Claro! Eu também acho.

**Lis:** Não, não acho não.

**Rita:** Minha filha, determine. Olhe, eu tava vendo essa semana...

**Lis:** Eu acho assim, é psicológico. Mas não pode trabalhar do dia pra noite não.

**Rita:** Oxe, peraê. Não, Luana.

**Luana:** Não entendi.

**Lis:** É psicológico. O homem só sofre até o dia que ele quer, tá. Se o homem ta sofrendo é psicológico e ele pode deixar de sofrer.

**Rita:** O homem ser humano.

**Lis:** É, não, eu sei. O homem, mulher, sofre até o dia que quer. Realmente, pode mudar. Mas não vai ser de uma noite pro dia, nem de uma semana pra outra. Mas né assim não, Rita. O homem só sofre... oxe, eu quero parar de sofrer e pronto, parei, foi?!

**Rita:** Claro.

**Lis:** É mágica, é?

**Rita:** Minha filha, até o slogan de uma Igreja: Pare de sofrer! Você acha que isso é o que, é falácia, é? Isso é marketing puro, e funciona! Ó o negócio de determine é isso. Essa semana eu tava vendo de madrugada, nas madrugadas, semana não, no final de semana, é... Silas Malafaia, que eu adoro!

**Luana:** Ela adora. Olhe, eu já cheguei a conclusão que Rita adora, que em todas as edições ela fala!

**Rita:** Mas ele comprou, ele comprou, minha filha, toda a madrugada no canal de televisão. Aí eu fui ver...

**Luana:** Não tem coisa melhor pra assistir não? [risos]

**Rita:** [risos] Aí eu sei que teve uma hora, eu mudei assim pro canal na hora que ele tava falando pra câmera assim e ele, mete o dedo na cara: "Determine!" E é isso que falta na vida. Determinar, determinação.

**Luana:** Isso aí é legal.

**Rita:** Você tem que parar de sofrer, entendeu?! Você só sofre até o dia que você quer porque você determina: até hoje. Aí cabou, um abraço! Aí vai procurar ajuda. Não to dizendo que é imediato não, como você disse. Não é de um dia pro outro. Mas eu acredito nisso, que o homem só sofre até o dia que ele quer. Você ta sofrendo?

**Lis:** Não. Nem um pingo. Graças a Deus. [risos]

**Rita:** [risos] Venha cá, é o que?

**Luana:** Anônima. Anônima aí na linha seis. Alô?

**Ouvinte (Anônima):** Alô.

**Luana:** Oi.

**Ouvinte (Anônima):** Boa tarde.

**Luana:** Tudo bem? Boa tarde.

**Ouvinte (Anônima):** Todo bom.

**Lis:** Você fala de onde, anônima?

**Ouvinte (Anônima):** Eu falo daqui de Salvador mesmo.

**Lis:** Ah, tá ok.

**Rita:** Como é que... ô anônima. Anônima, que faz parte do MADA, deixa eu explicar o que é que ta acontecendo, porque a gente não pode identificar, por que Lis faz assim, né?! "Você fala da onde?" Anônima faz parte do MADA, que é um grupo das

*mulheres que amam demais anônimas, por isso que ela não vai se identificar, obviamente. Queridona, como é que estão as reuniões do MADA?*

**Ouvinte (Anônima):** *Então, gente, pra quem não conhece o MADA, né, é...é um grupo que realmente vem ajudar mulheres que têm dependência de relacionamento, seja ele por um homem, por um filho, por um pai. Enfim, é, muita gente assim, que não conhece o MADA, relaciona muito às mulheres loucas, mas não é, gente. Assim, eu me encontrei lá porque em de... até mesmo criança vivendo, sofrendo, com a dependência de relacionamento, né?! E...com o pai, e tudo mais. E com a vida adulta, vem refletir com o relacionamento por homem.*

**Rita:** *Ãn rã.*

**Ouvinte (Anônima):** *Eu sou uma pessoa assim que sofro demais, né?! Aquela pessoa, se não fizer o que o que eu quero, como eu quero... então, geralmente assim os relacionamentos que eu tive, a Patrícia sempre saiu muito sã da relação. Sempre o parceiro que terminava comigo. E aí a gente chega no fundo do poço, e cadê chão? Não tem, né?! A gente fica realmente desesperada. Passa mil coisas pela cabeça. Tem casos até lá no MADA, de mulheres que tentaram o suicídio e tudo mais. Mas, lá a gente trabalha realmente a recuperação, né?! E esse grupo é para as mulheres que querem sair do fundo do poço, porque eu sei que não é fácil.*

**Luana:** *E existe essa dependência, né anônima?! Que a gente ta tratando aqui hoje no 'Aí Vêm Elas', a questão da dependência emocional. Ta muito ligado aí a essas mulheres, né?! Que amam demais, existe essa dependência emocional como companheiro, né isso?!*

**Ouvinte (Anônima):** *Exatamente. Porque na forma de dizer 'mulheres que amam demais', também é uma forma de dizer também que a gente se ama de menos. Porque, é, se a gente parar pra ver, a gente ama tanto aquela pessoa que na verdade a gente não classifica mais como amor, mas como obsessão, né?! Porque a gente faz de tudo pela aquela pessoa, porque na verdade o culpado não é aquela pessoa. Somos nós, que queremos viver naquela relação de sofrimento, de dor. Porque, como a gente sempre fala nos grupos 'amor não rima como dor'. Então a gente não precisa dessa pessoa pra ser feliz, a gente passa realmente porque nós aceitamos que isso é uma doença, e não tem cura. A gente sempre coloca um parâmetro que é o alcoólico e até mesmo o narcótico, que na verdade é uma doença, e a pessoa tem que ta em recuperação sempre.*

**Luana:** Claro, e você está ciente que é um problema eu acho que é um primeiro passo, né?! Porque têm mulheres que fazem, que dependem do marido emocionalmente, e nem sabem, acham que tá tudo certo com elas, que elas mam, que elas cuidam do companheiro, né isso?!

**Ouvinte (Anônima):** Exatamente. E a MADA é isso aí. A gente quer cuidar achando que vai cuidar, e na verdade a gente tá amando demais. A gente tá na verdade destruindo o relacionamento e a nossa vida, né?! Porque enquanto a gente não enxerga, porque muitas mulheres na verdade, não sabem do grupo, acham realmente que não são doentes. Quantas e quantas MADAS eu vejo aí, durante todos os dias, mas a gente também não pode forçar, a pessoa tem que querer, entendeu?!

**Luana:** Claro... agora, me diga uma coisa, anônima, para as nossas ouvintes que estão aqui discutindo um pouco com a gente esse tema 'A dependência emocional com o companheiro'. Onde é que ficam as reuniões do MADA aqui na Bahia?

**Ouvinte (Anônima):** Temos, é, três salas, agora em Salvador, que hoje inclusive temos reunião, é... no bairro da Ribeira, lá na Igreja da Penha, de 19 (horas) às 21. Temos também todas as quintas, na Igreja de Santana, que é no Rio Vermelho, também das 19h às 21h. E temos aos sábados, que é das 15h às 17h30, lá a Igreja de Brotas, do final de linha de Brotas. E que cada dia mais a sala tá enchendo, graças a Deus. E assim, pras pessoas que quiserem, não fiquem com receio, lá não é lugar de mulher louca, muito pelo contrário, de mulheres que querem se recuperar, porque geralmente a gente entende, porque geralmente a gente fica falando, todo dia chora no pé de uma amiga, de um conhecido, que tá sofrendo, mas ninguém entende. Lá é o lugar que a gente se entende mesmo, que todo mundo tá passando pelo mesmo barco, passando pela aquela situação, e querendo se recuperar, né?!

**Luana:** Que maravilha!

**Rita:** Que bom! Eu posso te chamar de "D"?

**Ouvinte (Anônima):** Oi?

**Rita:** Que bom! Eu posso te chamar de "D", "D", de dado?

**Ouvinte (Anônima):** Pode, pode.

**Rita:** Então pronto. "D", um beijo, viu, pra você!

**Ouvinte (Anônima):** Brigada, pela oportunidade, pelo espaço.

**Rita:** De nada.

**Luana:** Brigada a você, pelo esclarecimento.

**Rita:** Um beijo, querida.

**Lis:** Ta vendo?! Tem solução!

**Rita:** Pois é. MADA – Mulheres que amam demais.

**Luana:** Tem uma ouvinte na linha sete, não é isso, Marcão?!

**Rita:** Outra anônima.

**Luana:** Outra anônima.

**Lis:** Como diz Rita 'Adoro anônima'. Boa tarde, anônima.

**Ouvinte (Anônima 2):** Boa tarde. É, eu to falando com Rita Batista, não é isso?

**Rita:** também.

**Ouvinte (Anônima 2):** Eu confundo o nome de vocês todas aí.

**Rita:** Eu sou Rita Batista.

**Luana:** Eu sou Luana Montargil.

**Lis:** E eu sou Lis Grassi.

**Ouvinte (Anônima 2):** É, um monte de mulher junta. [risos]

**Luana:** É uma mulherada! [risos]

**Ouvinte (Anônima 2):** Então, boa tarde gente!

**Todas:** Boa.

**Ouvinte (Anônima 2):** Eu queria contribuir aí um pouco com, já tive uma experiência parecida, seis anos assim. Saí muito forte.

**Rita:** Muito bem.

**Ouvinte (Anônima 2):** E o que eu tenho a dizer é o seguinte. Quando a gente, quando nós mulheres, nós colocamos a nossa felicidade no outro, a gente vai se frustrar sempre. Ah, mas como é difícil isso, né?! A gente viver uma relação a dois e... não esperar, não depender.... porque assim, eu sou casada hoje e amo o meu marido.

**Rita:** Humrum.

**Ouvinte (Anônima 2):** Me preocupo muito com ele, eu vivo a vida dele. Mas eu tenho consciência que embora eu sempre fale pra ele que nós somos um, ele é separado de mim. Somos duas pessoas totalmente diferentes.

**Rita:** Que bom que você tem essa consciência.

**Ouvinte (Anônima 2):** É, mas porque a gente às vezes é meio hipócrita falar: 'Ah, gente, mas a nossa felicidade depende do outro' – a gente vai se frustrar sempre. A gente vai ta sempre feliz quando o nosso filho tá feliz, vai ta sempre feliz quando o nosso marido ta feliz, mas a gente tem que ter um respeito, e uma certa distância, e

*assim, vai sofrer? Vai. Mas a vida não acaba. Tem que caminhar mesmo. Mulher tem que entender que ela é capaz, que ela tem que trabalhar, ela tem que ser independente. Acho que isso também é um ponto que ajuda muito às mulheres.*

**Rita:** *Que bom não ficar só vivendo a história do marido. Quando você começou falando que vivia a vida do seu marido eu fiquei preocupada.*

**Luana:** *Isso.*

**Lis:** *Ela é uma... que vive ciente. Vive a vida do outro, mas tá com o pé no chão. É, se ele largar ela amanhã, você viu ela falando, a vida continua.[tosse]*

**Luana:** *Respire fundo, bora. Bora exercitar a paciência, a generosidade, a compreensão.*

**Lis:** *Afinal, vocês são mais experientes que eu.*

**Luana:** *Pense no outro. Ela está aqui pra aprender com a gente e com os nossos ouvintes queridos. Eu acho muito importante a participação dela aqui no programa.*

**Lis:** *[risos] Meu Deus...*

**Rita:** *[risos]*

**Luana:** *[risos] Trânsito, por favor.*

**\*Trânsito na MetrÓpole (com Tatyanna Hayne ) – 27'32" – 27'53"**

**\*NotÍcias da MetrÓpole (com [Stephanie Suerdieck](#)) – 27'53 – 29'29"**

**\*Intervalo comercial – 29'29" – 34'38"**

**Rita:** *Alô, de volta! Menina, no intervalo teve outra, viu?! Eu vou contar.*

**Lis:** *Não.*

**Rita:** *Estávamos aqui falando sobre o segundo filho de Luana Montargil, que ela tá pensando em encomendar... ô Lis, no rádio as pessoas têm que falar pausadamente, e cada uma de uma vez, senão as pessoas não entendem.*

**Luana:** *E isso é importante.*

**Rita:** *Aí sim, aí estávamos aqui falando do segundo filho de Luana Montargil, não é, da expectativa e tal. Que ela já tá querendo o segundo filho, mas que ela tá segurando e tal, e ela tava me contando um outro assunto que não vem ao caso e ela disse assim: 'ah não, to segurando, pra guardar uma coisa assim, e tal. E aí ela falou assim: É, [risos]. Ai gente, meu Deus, essa mulher é muito idiota. Aí Luana falou assim: 'Não, eu to segurando por causa dessa crise e tal.'*

**Lis:** *Aí a outra vem de lá, não sabia onde era que o sino tava batendo. Aí falou assim: 'Por causa da crise mundial?'*

**Luana:** *É... crise econômica.*

**Rita:** *Aí eu me acabei.*

**Lis:** *Vem cá, tem gente que ta evitando filho agora por conta da crise econômica.*

**Luana:** *Mas crise econômica, aqui assim pra ente agora... meu salário eu não to sentindo não.*

**Lis:** *Mas pode chagar a lhe atingir de alguma forma.*

**Rita:** *A crise, olha, atenção pesquisadores de todo o mundo, IPEIA, é... diga aí outros, DIEESE, IBGE, Fundação Getúlio Vargas, vocês contratem Lis Grassi. Porque ela já fez uma relação direta entre a crise mundial e a taxa de natalidade do Brasil.*

**Lis:** *Vocês querem apostar quanto que vai diminuir?*

**Rita:** *Direto da redação, direto da redação, vai!*

**\* Direto da redação – 36'23" – 36'57"**

*O Banco Centra dos Eua decidiu reduzir a taxa de jurus do país. Com a decisão a taxa passa a ficar entre 0 e 0, 25% ao ano. Na última reunião o Banco já havia reduzido a taxa de jurus de 1,5 para 1% ao ano. Desde o agravamento da crise financeira internacional após a quebra do Banco Lemon Brothers, os analistas dizem que o principal desafio do país é lidar com os riscos de recessão e não mais com mais com o perigo de piora da inflação. [Stephanie Suerdieck](#) para o metrôpole serviço.*

**Rita:** *Carlos Vita ta dizendo que quer informar que o complexo 2 de Julho está sem engarrafamento. A redação pode está equivocada. Mas não foi a redação não.*

**Luana:** *Não foi a redação não.*

**Rita:** *Foi um ouvinte. A redação tem que apurar pra informar. Carlos Vita, meu querido, obrigada, viu, pela informação.*

**Lis:** *Ta vendo aí, a crise lhe atingindo?! Direto da redação.*

**Luana:** *Tudo à ver o direto da redação com Lis Grassi hoje. Foi pra você.*

**Rita:** *E agora Sam, da Pituba.*

**Lis:** *“Boa tarde, meninas. Esse programa é um máximo. Eu sou completamente dependente emocionalmente de minha grande amiga Molly. Inclusive ela está te ouvindo neste momento, manda um abraço pra ela. Meninas, vocês são show! E Rita, você é maravilhosa. Essa sua voz, nossa! Conheço várias Ritas e todas são assim. Acho que há um mistério neste nome. Eu sou dependente do ‘Aí Vêm Elas’. Beijinhos no coração, meninas!*

**Luana:** *beijo, Sam.*

**Lis:** E beijos Molly, amiga de Sam.

**Luana:** E beijos Molly, beijos todos.

**Rita:** Pra mole não, pra duro, negócio de mole!

**Lis:** Que horror!

**Rita:** [risos] Juliana, do CAB. Você quer dizer um negócio, diga o negócio logo.

**Luana:** Ah, eu quero falar. Chegou um email aqui pra mim. “A campanha 2008 / 2009 faça uma criança sorrir, primeiro lugar gostaria de agradecer.” Ela quer pedir mais uma vez, é o Lar Irmã Benedita Camurugi, que fica na Rua General Argolo, na ladeira do Jacaré, Baixa de Quintas. Tem o telefone de contato pra quem puder ajudar as crianças, são 163 crianças necessitando da ajuda, dos amigos, vizinhos, dos nossos ouvintes. Frauda descartável, leite, café, biscoito, farinha de trigo, fermento, todos os produtos não perecíveis; material de limpeza, brinquedos e roupas. Então quem puder ajudar, o telefone de contato é o 3241-6572, 3241-6572. Até Rita agora ta fazendo doações.

**Rita:** É, e tem algumas doações então, meu filho, que são dedutíveis do imposto de renda. [risos] Juliana do CAB diz:

**Luana:** Miserável...

**Rita:** “Meninas, boa tarde.” Miserável? Oxente, isso é ótimo! “É, só quero ver se vocês não vão ler minha mensagem, ai ai, viu?! Fico aqui no trabalho só no ‘ALT’ ‘TAB’.

**Lis:** Mudando a tela.[tosse] Eu to gripada.

**Rita:** Tá tuberculosa. “E vocês nada.”

**Lis:** Deus é mais!

**Rita:** “Vão me mandar embora do estágio, viu?! Tenho uma amiga que mais o namorado, trai ele e tudo mais. Porém, quando ele terminou come ela, aff, ela ficou arrasada, e foi atrás pra voltar. Ela diz que não agüenta mais ele. Pede ajuda, tipo pra conhecer outras pessoas, mas nadinha da Silva.” É uma dependente.

**Luana:** É uma dependente, com certeza. E precisa de ajuda. Os amigos podem começar com essa ajuda. Gabriel diz: “Mulheres da minha vida, meu lema: ‘Deus nos ajude a gozar’”. Rita, tomei isso como um lema, depois de tanto você falar, beijos, amo vocês. Lis ta dando show, viu! Um pouco só de calma, viu Lis?!

**Lis:** Ah, viu.

**Rita:** Camila Baptista

**Lis:** “Meninas, essa sou eu. Sou extremamente dependente do meu marido emocional e financeiramente. Ta certo que isso está mudando quando eu resolvi colocar o meu pé fora de casa e fui trabalhar. E eu estou a fase que será que eu consigo ficar livre e a sociedade vai me aceitar e me receber como mãe solteira? E eu vou conseguir levar esse peso? Acho que a nossa sociedade ainda dificulta essa situação, nos recrimina e deixa claro que dá um grito de liberdade não é tão simples assim.”

**Rita:** Agora Baptista, querida, você como parte da família, como braço da família rica que mora em Vilas do Atlântico. Nega, você, se você ficar dando peso a essa história de ser mãe solteira, de num sei que, aí minha filha, não vai dá jeito mesmo. Vai ser muito mais complicado. Agora não, honre suas calçolas e vá, parta!

**Luana:** Porque eu acho que o preconceito aí ta partindo dela, inclusive. Ninguém apontou. Ta partindo dela.

**Lis:** E é tão comum hoje, ser mãe solteira.

**Luana:** Mas ela já deu o primeiro passo, isso é importante. Rejane Barbosa diz: “Olá, meninas, conheço uma mulher que tem uma dependência do marido, que tem medo dele. É dependente financeiramente, é infeliz, mas não tem força pra recomeçar e se libertar. Mesmo que seja pra ficar sozinha. Tenho pena dela.”

**Rita:** Ô meu Deus, MADA. MADA nela!

**Luana:** Você viu quantas mulheres aqui?

**Lis/ Rita:** Hum rum...

**Luana:** Ta vendo?!

**Rita:** Raiane Martins, de Madre de Deus diz: “Olá, meninas, boa tarde, ouço todos os dias o ‘Aí Vêm Elas’ gosto bastante dos temas que são abordados, são muito interessantes. Espero...” Ok, ok, um beijo Raiane, brigada, querida. Venha um dia em Salvador! Ricardo da Pituba – não é falando de loira, menino. A gente já falou de loira no início do programa. Você ta atrasado, viu Ricardo!

**Lis:** E aqui Raiane Maria, de Cajazeira diz: “Olá meninas, tudo bem?! Todo dia eu estou escutando o ‘Aí Vêm Elas’ sobre o tema, e já tive esse tipo de dependência emocional...” [risos] Ô Rita, pare! “Já tive esse tipo de dependência emocional...” É sério mesmo, desculpa, Raiane. Rita aqui. Aí então, ela aí continua: “Ficar presa a uma pessoa, não sair, não me divertir, pois tinha...” – Ah, ela ficou presa a uma pessoa, não saiu, não se divertiu, pois tinha... [risos] “junto com isso o medo da perda dessa pessoa. O problema que aconteceu comigo foi esse. Fui traída e agora

me arrependo do que eu não fiz por causa dessa dependência. Dei um basta! E hoje não quero mais ninguém!” Que horror! “Muito sucesso pra vocês.” Você não tem que não querer mais ninguém, Raiane. Você tem que...

**Luana:** Deu um basta, massa, né! Deu um basta, acho que foi legal você dá um basta, agora não querer mais ninguém que ta errado. Agora, quando a mulher reconhece, e sai e parte, e dá um basta, eu acho massa. Agora todo mundo faz coisa na vida, eu me arrependi de um bocado de coisa também.

**Lis:** É...

**Luana:** E hoje graças a Deus eu não faria mais, não farei mais.

**Rita:** [risos] Inês do Imbuí diz: “Oi meninas, sei que não devemos viver do passado, só que não consigo esquecer meu grande amor. Sofro até hoje, e olha que já faz quatro anos que terminamos. O que fazer?”

**Luana:** O que fazer?

**Lis:** Dizem que só se esquece um grande amor outro, né?!

**Rita:** Eu sabia que você ia falar essa canalhice. [risos]

**Luana:** É... eu acho canalhice mesmo. Porque eu acho, eu acho que quando ta entranhado na alma, é difícil...

**Rita:** Mas aqui você pode arrumar.. [risos]

**Lis:** Oxente, Rita. [risos]

**Rita:** Depois que lava. “Lavou tá nova.” [cantarolando]

**Luana:** Você pode arrumar dez aí, mas não esquece o ‘desgramado’. Porque tá lá, sabe, no fundinho ali. Eu acho que tem partir de você.

**Lis:** A gente também hoje ta esculhambando.

**Luana:** No fundinho e na frentinha.

**Lis:** Que horror!

**Rita:** Edir, Edir!

**Lis:** Salva a gente, Edir. Na linha seis.

**Ouvinte (Edir):** Alô, Rita?!

**Rita:** Oi, Edir.

**Ouvinte (Edir):** Tudo bem?

**Rita:** Tudo.

**Ouvinte (Edir):** Tudo bom, Marcão? Luana, tudo bem?

**Luana:** Tudo bem, Edir.

**Ouvinte (Edir):** Olha eu vou ser breve, porque a correria tá grande, tá acabando o programa. Rita, é o seguinte, sobre essa dependência emocional, realmente é complicado, viu! Eu conheci um casal, aqui em Lauro de Freitas, e eles eram casados. Só por causa, por ela ser religiosa, ela teve que suportar a situação, entendeu Rita?!

**Rita:** Ahn rã.

**Ouvinte (Edir):** Ela tinha que suportar, só que tinha acabado, não tinha mais amor por ele. Tinha acabado mesmo, tava no fundo do posso, mas ela teve que suportar. Já outra, já outra, mesmo sendo religiosa disse 'não, eu não sinto mais nada por ele, não vou ficar nessa dependência emocional, porque vai me prejudicar, e minhas contas eu vou acertar com Deus'.

**Rita:** Ó, quer saber?! Me desculpe aí, mas essa história de 'Ah não, é a religião que segura'. Gente, é o pastor que dorme? É o pai de santo que dorme, com a pessoa que você não quer mais? Ah não, não venha não!

**Luana:** Pois é, é o padre que dorme?

**Rita:** É, eu puxo logo pra todo mundo. É o líder espírita que dorme?

**Luana:** É... eu acho que não, eu acho isso uma maluquice. E eu faço parte da igreja católica, e conheço outras igrejas também, outras religiões também. E eu acho isso uma maluquice, sinceramente, Rita, eu já falei isso aqui, você às vezes até discorda comigo, mas eu acho uma maluquice o líder espiritual, ou o pastor, ou seja lá quem for.

**Rita:** É porque a gente diverge nos resguardos.

**Luana:** Eu acho que fazer parte, o se... como é que, se intrometer na sua vida com seu companheiro, sinceramente, eu acho maluquice.

**Rita:** Mas não é se intrometer, a pessoa guarda o – vai ser redundante – guarda o resguardo se quiser. Agora depois também vai ter que acertar suas contas com os Orixás.

**Luana:** Ah, eu acho que os Orixás...

**Rita:** O pai de santo e a mãe de santo só lhe dizem: 'Olhe, não pode'.

**Luana:**... iam ficar muito felizes, eu acho que os Orixás iam ficar felizes com amor, com carinho do casal,

**Rita:** Mas tem que sossegar a periquita tanto tempo, a depender do que você tá fazendo, diabo!

**Luana:** Ahhh, mas tem vezes que é 1 ano de sossegar de sossegar a periquita, que maluquice é essa?!

**Lis:** É..!

**Luana:** Ta doido!

**Rita:** Não adianta, não adianta, vocês não vão entender.

**Luana:** Não vamos entender.

**Rita:** É. Aqui, Michel. É você, Luana.

**Luana:** É: “Passando só pra te deixar um beijo, Lis. Mas e aí, qual o tema?”

**Lis:** [risos] Ô Michel, acabou o programa! [risos]

**Rita:** Não, Michel é igual a Lis, é da galera...

**Lis:** Ô Michel, não olhe esse Michel aí tem uma história. Me mande um email viu!? Que eu quero conversar com você.

**Luana:** Huuum... Michel, você é loiro, Michel?

**Lis:** Não, eu ao conheço esta pessoa. Mas ela, ele tem uma coisa aí.

**Rita:** Márcia Anunciação de Armação diz que é só pra bater o ponto e deixar um beijo pra todas.

**Luana:** Márcio, Márcio!

**Lis:** Beijo, Márcio!

**Rita:** Márcio. Eu falei Márcia?

**Luana:** É Márcio, você falou Márcia.

**Rita:** Ô Márcio, homem, masculino, desculpe.

**Luana:** Que é macho.

**Rita:** Tchothcolo, você com esse nome, não merece resposta.

**Lis:** [risos]

**Rita:** Ele quer saber se eu já fiquei dependente, se eu sou ainda dependente, ou se tenho medo de ficar dependente. Já pensou? Não. Ah, sim, as pessoas que dependem de mim.

**Luana:** Ahh...

**Lis:** Ahh, ela se acha!

**Luana:** Quem é a gostosona daqui?

**Lis:** É Rita, é Rita, é Rita! [risos]

**Rita:** Ah, aqui. Alex Moreira.

**Luana:** Diz: “Oi meninas, eu penso diferente. Eu tenho 30 anos, e gosto muito de mulheres mais velhas.”

**Rita:** Só os órfãos, viu?! Só os órfãos!

**Luana:** “De 40 acima. Uma boa picanha é sempre bom, viu?! Um beijão”. Diz Alex.

**Rita:** Mas você não é que nem Marcelo não, né?!

**Luana:** Não, ele gosta porque é a preferência dele, ele acha massa, uma mulher experiente, gostosona, ta tudo certo.

**Rita:** Ah, ok. Mas ele não é doido não, né?

**Luana:** Não, acho que pra ele ta tudo certo.

**Lis:** E Sérgio Ricardo diz: “Olá, meninas. Estive ausente um período pois estou morando na Angola, lecionando na Universidade Lusíada”

**Rita:** [gargalhada]

**Luana:** Em Angola.

**Lis:** É, e aí?! “No instituto...”

**Luana:** É, na Angola.

**Lis:** É, Rita. Oxe! “No instituto politécnico...”

**Rita:** Eu to rindo de outra coisa, não sei nem o que você falou.

**Lis:** “...de ‘Bengüela’[?], Benguela [?] “ [risos] “No instituto politécnico de Benguela.”  
Ta certo?

**Luana:** Tá certo.

**Rita:** Certo!!!

**Lis:** “Mais felicitações a toda equipe. Quando posso acompanho vocês através da Internet. Seguem votos de felicitações...”

**Luana:** Leia errado, mas leia com ênfase. Porque senão as pessoas não vão acreditar que você ta lendo certo.

**Rita:** Segurança!

**Lis:** Ma eu to lendo certo “Benguela”.

**Luana:** Ê Benguela, é isso mesmo. [risos]

**Lis:** [risos] Benguela é o carro quando ta na banguela.

**Rita:** É na banguela. ‘Dorme a risco na banguela’ [cantarolando] [risos]. Né Benguela não, menina!

**Lis:** Instituto Politécnico de Benguela.

**Rita:** Mas o carro...

**Luana:** É banguela.

**Lis:** É banguela, isso eu sei, eu falei. Com firmeza, inclusive, Para não deixar dúvidas.

**Luana:** *É, ela falou. Rita, não vamo complicar hoje.*

**Lis:** *Rita hoje resolveu.*

**Luana:** *Ta. Ta pegando no seu pé, Lis, com certeza. “Meninas” – diz anônima – “Todas nós sabemos que Rita e Luana são mais experientes, e por isso possuem uma maior facilidade em desenvolver e articular os pensamentos.” – Ó, ta vendo, Rita, anônima é pra você.*

**Rita/ Lis:** *Vá, vá.*

**Luana:** *“... os pensamentos dessa forma tão rápida. Lis e mais nova e ainda ta pegando as manhas, ok?!”*

**Rita:** *Ohh. Pra esculhambar ela já pegou as manhas tudo. [risos]*

**Luana:** *“Mas não é pra tanto não, viu?! Podem relaxar que a gente aqui ta entendendo o que ela fala sim.” – Viu Rita?*

**Rita:** *Ela fala sim o quê?*

**Luana:** *Que ela fala. Tão entendendo o que ela fala, sim. Ta entendendo o que ela diz, o que Lis diz.*

**Rita:** *Claro!!!*

**Luana:** *Porque os ouvintes são inteligentes.*

**Lis:** *Claro.*

**Luana:** *Não tão parecidos com nós duas, viu?! “Uns toque são sim muito bons de vez em quando, mas cuidado também pra não implicarem com a mascote aí, coitadinha!”*

**Lis:** *Ta vendo?”*

**Luana:** *Beijos, meninas. Parabéns!*

**Lis:** *Olhe, anônima, ‘I love you’. [risos]*

**Rita/ Luana:** *[risos]*

**Rita:** *Anônima, leve pra você! [risos]*

**Lis:** *[risos]*

**Rita:** *Ai, aqui, peraí. Fátima:*

**Luana:** *Agora a crise financeira foi boa.*

**Rita:** *Oxente, Fátima! Ah, Fátima é pro ‘Jornal da Cidade’. Hoje tem doutora Gilda?*

**Luana:** *Tem, doutora Gilda confirmado inclusive.*

**Rita:** *Ah, peraí, já to mandando aqui.*

**\*Entra vinheta do programa.**

**Rita:** *Peraí, menino! Que coisa!*

**Lis:** *É, expulsando a gente.*

**Luana:** *beijo pra todos os ouvintes: André, Nadja, Gilberto, Marquinhos, Eliana, Nice, anônima...*

**Rita:** *Aqui, anônima! Vamo fechar com anônima!*

**Luana:** *Ultimo! Então ta bom. “E os homens que não são dependentes emocionalmente não, porque eu só vejo mulheres.” Ta perguntando por quê os homens não?*

**Lis:** *“Os homens não são.”*

**Rita:** *Ah!*

**Luana:** *“Ainda aquela história de sexo frágil, sensível, e dependente, é isso?!”*

**Rita:** *Não, essa conversa de sexo frágil não. Mas eu acho que o homem é ótimo, e homem é pragmático, é prático. Quer, quer, não quer, não quer. Um abraço e tchau! Adoro homem!*

**Lis:** *Não, acho que tem homem dependente sim.*

**Luana:** *Tem uns malucos aí que inclusive cometem aqueles crimes passionais, né?!*

**Lis:** *Tem!*

**Rita:** *Aí é maluco. [risos]*

**Luana:** *É, tem uns malucos aí que são dependentes sim. Que enche o saco.*

**\* Entra a vinheta do programa.**

**Lis:** *É, tem um monte de homem insuportável.*

**Luana:** *Mas que precisam de tratamento também como as mulheres.*

**Lis:** *É*

**Rita:** *Ó, beijo e tchau!*

**Lis:** *Beijo, te amanhã!*

**Luana:** *Boa tarde, até amanhã!*

---

<sup>i</sup> Marcos Castelhana

<sup>ii</sup> Rita Batista

<sup>iii</sup> Luana Montargil

<sup>iv</sup> Lis Grassi